PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 35
ANO 5
MAIO/2023

EDITORIAL

O diretor-em-chefe da Revista Literária Pixé, no gozo de suas plenipotenciárias capacidades editoriais, decreta que o periódico chegou ao fim. O meirinho deverá postar o presente decreto no reino das palavras para que os leitores dele tomem conhecimento, não podendo alegar ignorância de que, na vida, tudo o que é bom dura pouco. Decreta ainda o mui respeitável diretor que, doravante, manterá todos os números das revistas no espaço digital para download gratuito dos interessados em pesquisar o espólio de as inutilidades que foram produzidas ao longo dos anos. Dando por encerrados os trabalhos, o escrivão lavrará ata que será publicada como o derradeiro editorial, dando fé de que a ficção é a mais pura verdade.

Se fosse possível resumir o nosso percurso, diria que a Revista se prestou a diversas finalidades, mais imprevistas do que previstas. Todo o aspecto documental – que é o mais aborrecido – estará disponível, no futuro, aos escrutinadores do passado. Neste último editorial, no entanto, importa pontuar o que acredito ter sido o mais relevante: a literatura sobreviverá às ameaças internas e externas. O debate essencial que se travou toca os fundamentos da produção literária. Não se conformando às convenções da ciência, o texto cria uma nova forma de perceber o entorno e se valida por critérios internos e não externos. Desenvolve-se num tempo sem tempo, num lugar sem lugar, uma relação difícil de se encaixar nas pequenas gavetas do armário científico.

A autonomia da literatura é profundamente incômoda ao olhar científico da modernidade. O poema, o conto, o romance não são formas de reconstituição da realidade. Os mecanismos de avaliação do real perdem legitimidade diante da produção literária. Esse buraco negro que se abre à frente da mentalidade moderna consome a cabeça de muita gente. Curiosamente, porém, foi Aristóteles quem cantou a pedra: a ficção não revela o que foi, mas o que poderia ter sido. A metodologia científica dificilmente consegue se manter equilibrada nessa corda bamba porque o tal objeto de investigação, ao mesmo tempo, é e não é o real. Dizendo de outra forma: não se trata de invenção, mas de uma outra convenção da realidade.

Categorizar a literatura é uma das maiores tentações que diabo impõe ao crítico. Se o texto parte da realidade, seria lógico afirmar que é possível sujeitar a análise a um dos campos de conhecimento. Desse sofisma, surgem as leituras dirigidas e, claro, invariavelmente o crítico encontra o que se queria achar. Sobram os filtros, cada qual ajustado para um ramo da ciência moderna. O que falta é, antes de tudo, reconhecer na literatura uma alternativa à mentalidade modular. Talvez tenha sido esta a provocação central dos editoriais. Afora este modorrento texto de abertura, tudo aqui é criatividade. Ou seja, nunca prendi a louca da casa. Minha função é ser Chacrinha, distribuindo mandioca e abacaxi à plateia. O Velho Guerreiro tinha toda razão – eu vim para confundir e não para explicar.

Não pretendo fazer um inventário. Esse tipo de balanço contábil é uma vaidade dispensável. Não há avaliação mais obtusa do que a própria; quase sempre, só faz bem ao próprio avaliador. Como isso aqui não é divã, é chegada a hora do ponto final. Além do mais, qualquer impressão sobre o próprio umbigo não passa de uma nova ficção. Atenção, documentaristas! Cuidado, pesquisadores incautos! Não cedam um milímetro aos sofisticados embustes dos escritores. Todos somos descarados mentirosos. Quem sempre diz a verdade é o texto, estamos combinados? Pelo sim ou pelo não, a revista acaba da mesma forma que começou: de repente. Acho que foi bom ter sido assim.

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Artista Visual Convidado: Emerson Persona
Colaboradores desta edição: Olga Maria Castrillon-Mendes, Lucinda Nogueira Persona, Aclyse Mattos, Caio Augusto Leite, Clark Mangabeira, Divanize Carbonieri, Edson Flávio, Eduardo Mahon, Gabriel de

SUMÁRIO

2 Editorial
6 Olga Maria Castrillon-Mendes
8 Lucinda Nogueira Persona
12 Aclyse Mattos
14 Adriano Espíndola Santos
16 Caio Augusto Leite
18 Clark Mangabeira
20 Divanize Carbonieri
22 Edson Flávio
24 Eduardo Mahon
26 Gabriel de Mattos
30 Henrique de Medeiros
32 Janet Zimmerman
34 Klaus Henrique Santos
36 Lorenzo Falcão
38 Luciano Lanzillotti
40 Marcelo Labes
42 **Emerson Persona**
44 Mário Cezar Silva Leite
46 Mateus Elias
48 Odair de Morais
50 Pablo Rezende
52 Paula Quinaud
54 Paulo Sesar Pimentel
58 Pedro Vale
60 Raquel Naveira
62 Rubenio Marcelo
64 Shara Lopes
66 Tania Bloomfield
70 Walesca Cassunde
72 Wuldson Marcelo
74 Renato Medeiros
76 Maristela Carneiro
80 Anna Maria Ribeiro Costa

Mattos, Henrique de Medeiros, Janet Zimmemann, Klaus Henrique Santos, Lorenzo Falcão, Luciano Lanzillotti, Marcelo Labes, Mário Cezar Silva Leite, Mateus Elias, Odair de Morais, Pablo Rezende, Paula Quinaud, Paulo Sesar Pimentel, Pedro Vale, Raquel Naveira, Rubenio Marcelo, Shara, Tania Bloomfield, Walesca Cassunde, Wuldson Marcelo, Renato Medeiros, Maristela Carneiro, Anna Maria Ribeiro Costa.
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba

NUM PESCAR DE OLHOS

Olga Maria Castrillon-Mendes
É pesquisadora da literatura brasileira. Autora de Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso (Cuiabá: EdUFMT, Cáceres: EdUNEMAT, 2013); Discurso de constituição da fronteira de Mato Grosso, 2017; Matogrossismo: questionamentos em percursos identitários (Carlini & Caniato, 2020) e Letras cacerenses (Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021, em coautoria).

"DOIS E DOIS SÃO CINCO": AMARGOS FUTUROS IDEALIZADOS

Georg Orwell, no livro 1984 (1949) criou uma cruel metáfora literária ao ficcionalizar o totalitarismo e seus desdobramentos, em tempos de pós-guerras: a mentira tomada como verdade e a obediência, sem questionar, a fim de tudo possa funcionar sem tropeços. O escritor não só tangencia o controle da realidade física, mas alinha os seres humanos num processo de percepções e afetos controlados. Em tempos ditatoriais dos anos 1932, Aldoux Huxley representava um futuro distópico no seu Admirável mundo novo. Em realidades tão funcionais, teriam essas histórias a intenção de representar um futuro distópico ou prever o futuro?! Pode-se imaginar/projetar o futuro? O quanto a tecnologia impacta os recortes sociais, a história e as relações humanas?!

Transformações significativas, tanto oriundas das guerras quanto dos endurecidos regimes, ocasionaram procedimentos variados na arte ao longo da história. Com isso, surgem novas formas de produzir e consumir arte e pensar mundos supostamente perfeitos, de prazeres abundantes e totalmente manipulados. Hoje, a tecnologia é mais uma protagonista dessa história cultural e projeta-se no futuro, o que faz com que os artistas, a mídia, as indústrias e todo mercado específico veja o futuro como um cenário a que poucos estão preparados. O vazio das relações, a vigilância constante, o temor desmedido, são fatores de estrangulamento social. A mais sinistra entidade de Orwell chama-se Big brother; e a psicodélica "soma" é largamente consumida pelas personagens de Huxley para se ajustarem aos padrões comportamentais impostos pela tirania. Ambas as fabulações conversam facilmente com o leitor contemporâneo. Muitos artistas se utilizam da mesma metáfora para denunciar as desigualdades vividas pelo "admirável gado novo".

Em todos os tempos o ser humano social e criativo manifesta-se pelas variadas formas de arte e maneiras de pensar as mazelas sociais e o sofrimento humano. O futuro foi (é) uma incerteza. Não há como olhar para o organismo social sem pensar na arte como constituidora das transformações políticas, ambientais e históricas dos povos. Cada época carrega manifestações singulares que colocam o artista e o espectador nas complexas relações que sustentam o tecido social. A obra de arte, assim, imprime-se no imaginário coletivo e carrega memórias numa relação subjetiva de estímulo à compreensão das identidades. O contemporâneo está no trânsito entre a tradição herdada e a era digital, numa relação talvez mais democrática e abrangente de criação e difusão, envolvendo softwares, vetores e diversas ferramentas digitais, mas paradoxalmente, pouco acessíveis.

Até que ponto a quebra de fronteiras e barreiras tecnológicas está a serviço da formação da sensibilidade e do senso crítico? O acúmulo de informações passadas apenas pelas telas impossibilita aprofundamentos. Como os educadores lidam com o novo formato sem deixar de lado a formação de atitudes? A tecnologia cria e manipula máquinas do admirável mundo novo, extremamente científico, mas com pouca ética e valores. Talvez seja o momento de atenção às massacrantes propagandas ideológicas e ao ódio aos livros e às flores. Resistir aos condicionamentos do dois e dois são cinco, ao prazer e à conformidade, à vida planejada por outrem, livres do entorpecimento. Embora, há quase um século, os escritores testemunhassem uma transformação social única e enfrentassem a distopia de mundos supostamente perfeitos, não imaginavam que, tão rapidamente, esses mundos se tornassem realidade. Assusta pensar que as distopias contemporâneas, a exemplo daquelas presentes nas narrativas de Eduardo Mahon, estejam próximas de outros nascimentos.

Lucinda Nogueira Persona
É escritora, poeta, professora e membro da Academia Mato-grossense de Letras. Nasceu em Arapongas, PR, e vive em Cuiabá, MT. Estreou na poesia em 1995 com o livro Por imenso gosto. Publicou, entre outros: **Ser cotidiano** (1998), **Sopa escaldante** (2001), **Leito de Acaso** (2004), **Tempo comum** (2009), **Entre uma noite e outra** (2014) e **O passo do instante** (2019).

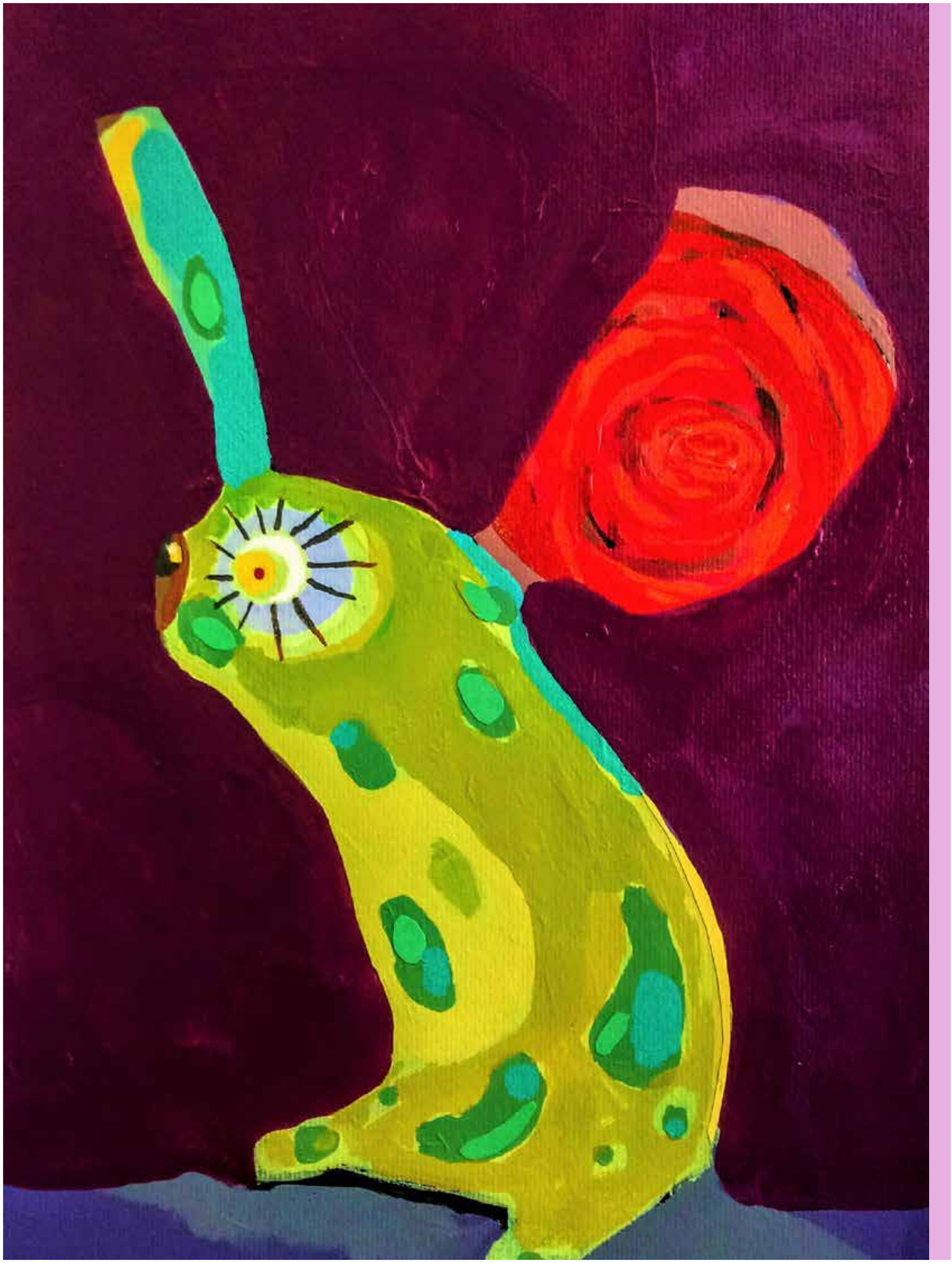
FRAGMENTOS COMPONDO O TODO ENCANTATÓRIO

Quando se vê, o ato de ver não tem forma – o que se vê às vezes tem forma, às vezes não. O ato de ver é inefável. E às vezes o que é visto também é inefável.
Clarice Lispector (in: Água viva, 1990)

No correr do tempo, há sempre um instante, uma hora, um dia para começar algo e, neste caso, retratar um artista. Alguém que pertence a esse contingente humano que nasce sensível e se insere no foco de interesse coletivo, através de sua imaginação criadora e através de seu talento harmonizado com o compromisso de responder à realidade, representando-a pela experiência do olhar, pelas emoções e embates da alma.

Neste exato ponto, a indagação: Como retratar o artista cumprindo seu destino? Como retratar Emerson Persona em seu fecundo acontecer? Em seu diálogo com o mundo e a vida? Em suas incursões borgianas no universo dos seres imaginários? Como retratar este mestre da pintura e do corte das imagens? Luminoso, preciso e emocionado, numa elaboração em que lhe sai das mãos o que entrou pelos olhos e ficou na alma.

Emerson sempre viajou através dos traços e tintas, começando sua grande aventura na infância, dentro de circunstâncias cotidianas da casa e da escola, conjuntura fundamental de sua formação. Tempo em que o mundo começava a morar em seus olhos e seu olhar a demorar-se no mundo. Tomando uma página do passado, conta-nos Sumaya, prima de Emerson, ter posado para ele num instante fortuito do cotidiano infantil. Foi desenhada a giz branco num espaço cimentado do quintal da casa.



Ambos entre 7 e 8 anos de idade, alicerçados em afeto e magia. Ela faz o relato sorrindo. A lembrança inapagável. No chão de cimento batido, sua imagem de vestido rodado, pulseira, tiara de princesa menina. Uma fusão de realidade e fantasia. E torcendo muito para não chover, para ninguém pisar/apagar, mantendo-se guardiã daquele tesouro. Lá estava Emerson, com naturalidade, inaugurando experiência estética, numa superfície de textura rugosa, áspera, o que nos remete às superfícies das cavernas e abrigos rochosos onde se registraram as mais antigas manifestações pictóricas da história humana. Lá estava Emerson ensaiando a delirante atmosfera do futuro, anunciando, por assim dizer, a presença do feminino em seu universo imagético.

E nesse futuro-agora, emerge o artista em plenitude, com clara consciência da resvaladiça realidade, marcando-se pela inversão do sentido habitual das coisas/objetos/personagens e pelas incursões numa atmosfera particular, convertida em morada onírica durante o trabalho compositivo. Uma pintura que chega ao observador com desafios singulares, surpresas e metamorfoses, convidando a arrancar o sentido das formas. Pintura que se alça e se estende como um território de buscas, onde tudo e cada coisa pode significar sempre algo mais, fazendo parecer que ao semear seus mistérios não entrega facilmente o ouro ao bandido. "Ao lidar com as imagens trato de algumas questões que não necessariamente podem ser reconhecidas pelo outro" – diz Emerson numa entrevista. Sim, sua viva e portentosa plástica desperta para infinitas leituras, sobressaindo de pronto a dimensão transformadora, grandemente multiforme, intimorata aos voos ambivalentes. Laborioso, concebe uma pintura das coisas incomensuráveis e das metamorfoses lúdicas. Com vigor e liberdade salvaguarda não apenas os espantos, mas também outras emoções que nascem na caminhada dos humanos.

Em sua aventura mítica, apaixonada, híbrida, quimérica, Emerson compõe plantas ternas e sinuosas que sobem pelo ar, flutuando em jardins secretos. E tantas cabeças e rostos e formas "Humanais" arroxeadas, faces com o poder dos femininos e masculinos, a doce tristeza morando no olhar, a exemplo de seu trabalho "Deserto" e ainda o ardor oculto de um "Duplo" solitário. A policromia é esplêndida e os lugares secretos são avivados pelo silêncio de "Flores maravilhosas", carnosas, vermelhas. Um vermelho que não é sangue, nem a percepção da cor como tal, mas sim a inevitável torrente do espírito, em momentos de um contexto perturbador refletido na obra. O "Vermelho", levado a efeito em recente Exposição no MuMA, Curitiba, Paraná, referida pelo autor como "um sinal de alerta".

A produção de Emerson desvela as formas inesperadamente interrompidas. Ou não. O corpo avulta como grande tema, apresentando metamorfoses inexoráveis na ordem clássica da divisão (cabeça, pescoço, tronco, membros). O artista vai representando anatomicamente, vai caminhando como anjo ou samurai, ora em direção ao todo, ora para as partes. Neste último caso, os fragmentos não são simplesmente fragmentos, pois sugerem conexões sempre novas. São pedaços de criaturas, frações de vida alimentando a fome do espetáculo e o desejo da imagem que não se limita a guiar para o óbvio e fixo, mas antecipa divagações, propicia extensão e variabilidade.

No fundo, uma realidade que se rompe em pedaços no fluxo da criação, quando as mãos, livremente, dão curso aos sentimentos mesclando cores e formas. Todas as cores tornando-se mais belas no jogo das imagens, com rosas que se prolongam de boca em boca e espinhos (signos recorrentes) enterrados ao redor dos olhos, pescoços e talos vegetais, provocando um manancial de emoções.

Em Emerson, a linguagem artística intensifica a ideia da concepção, gestação, crescimento e transformação a partir de incisões e reconexões. A partir de fragmentos compõe o todo encantatório. Trabalha a beleza de cada porção minimizando a ideia da adaga. Ou do bisturi. É o real sendo deglutido pela voraz boca do imaginário. E por isso, Emerson Persona reverbera em nossos corações a cada instante em que contemplamos suas imagens enfeitiçadas de realidade.

Aclyse Mattos

É escritor, poeta e professor da Faculdade de Comunicação e Artes da UFMT. Livros publicados: *Motosblim: a incrível enfermaria de bicicletas* (infantil – 2019) *O sexofonista* (contos - 2018), *Sabiapoca – Canção do Exílio sem Sair de Casa* (infantil – 2018), *Festa* (poesia – 2012), *Quem muito olha a lua fica louco* (poesia – 2000).

CORAL DAS IDEOLOGIAS

O Liberal
não canta em Coral.
O Comunista sim, mas,
exige que seja em uníssono.
O Conservador se atém
à partitura,
mas para o Progressista:
“Partitura é Ditadura”.
O Materialista
cobra cachê adiantado,
mas o Idealista tem o salário
três meses atrasado:
“O importante é que a mensagem
chegue a qualquer paragem”.
A Feminista baniu
o Barítono, o Baixo e o Tenor.
Enquanto o Anarquista pediu:
“Fora Maestro e Senhor”.
@ LGBTX+ sustenido bemol
Exigiu um tom nem menor nem maior,
Ao que o Multicultural fulminou afinal
“Por um sistema atonal”

Como isto terminou?
O Coral não se apresentou

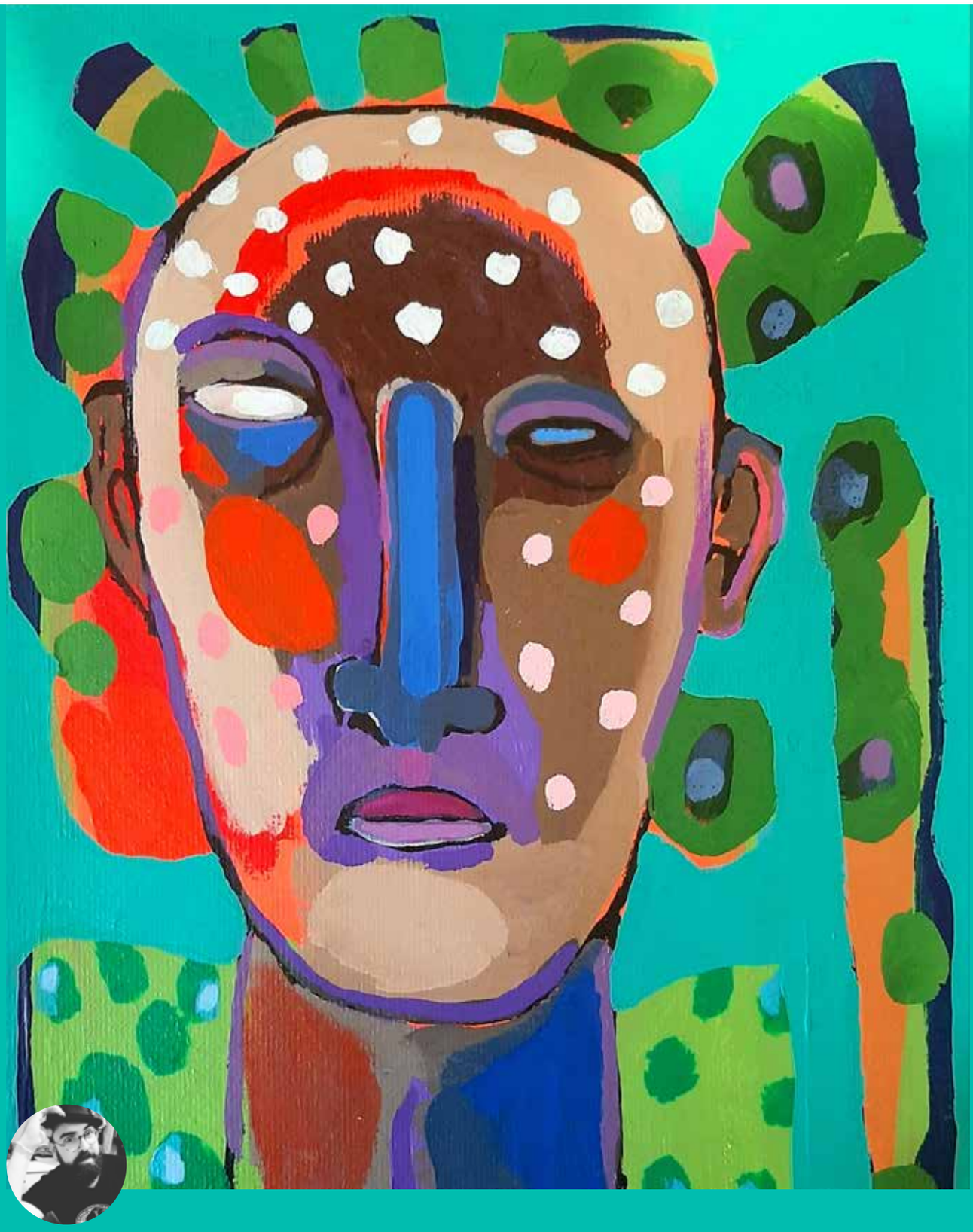
Ideologias: fantasmas de abstrações
voltando como assombrações
a quem procura e não acha
partido, seita, facção ou racha.

Para cantar nesse troço
Só gente de carne e osso
Com alma, com corpo e com voz
Em suma: o resto de nós.

Pobres mortais, viventes reais
Aos quatro cantos corais.

PEDAÇOS ABANDONADOS

Ela tinha uma espada na boca. Saía por aí ceifando vidas e sonhos. Nunca olhou para trás para recolher os pedaços abandonados. Essa era a minha avó, que, por azar, foi morar um tempo conosco. Depois que meu tio Assis, que morava com ela, faleceu, de causas desconhecidas – porém cogitadas por nós –, segundo meu pai não havia opção: tínhamos de receber "muito bem" a "velha". Mamãe entrou, pela trigésima vez, em depressão. Para ela, vovó a considerava inimiga; "Você nunca vai saber agradar o meu filho; é uma pomba sem fel, não fede, nem cheira". Apática, mamãe "aceitava" as injúrias e ia remoer os bocados no banheiro, de onde escutávamos os seus choros doloridos. Papai afirmou que vovó morreria logo, que não precisávamos nos preocupar. Mas a velha era dura na queda, literalmente. Caiu duas vezes, quebrou a bacia e o fêmur, e o fardo ficou para a minha mãe. Ainda me lembro que mamãe tinha de banhá-la, na verdade asseá-la na cama, e as duas se contorciam de raiva, por terem de se aturar nessas circunstâncias. E mamãe tentava a todo instante tapar o nariz, porque a fedentina era grande; nós, as crianças, não suportávamos. Sei que mamãe deveria ser tratada como uma rainha, por resolver esses problemas que deveriam ser dos filhos da minha vó, que, no máximo, a procuravam uma vez por mês, e disso sempre saía uma briga. Fato é que ninguém a suportava. Perguntei ao meu pai, já grandinho, se minha avó sempre foi assim, amarga, rançosa. Ele me respondeu que, depois do seu parto, ela passou três dias zanzando na casa de parentes, para não o ver; "daí você tira, meu filho". Papai tentava compensar as dores de mamãe comprando bijuterias e bombons finos de chocolate. Mas, claro, nada pagava aquele abuso; o inferno seria melhor. Com dez anos, no dia seguinte ao meu aniversário, vovó teve um esmorecimento repentino. Papai estava alegre, como se tivesse chegado o grande dia. Mamãe estava aflita, esperançosa no olhar – ela não desejava a morte nem de uma formiga, contudo, se o destino a ajudasse, não reclamaria, percebi. Os dias que se seguiram foram de agonia. A velha cagava o dia todo, estava anêmica e fria como uma jia. Papai decretou que não adiantava levá-la ao médico, porque dessa ela não passaria. Fomos todos favoráveis a sua decisão. Mamãe, besta que era, foi a única a dar pitaco, para que levasse a moribunda ao hospital; mas depois entendi que ela queria se livrar do cheiro de carniça. De fato foi; meu pai concordou e levou-a a um hospital público – que prestava um bom atendimento, no entanto vivia lotado. A velha não chegou sequer a ser avaliada, morreu no corredor. Um médico assinou o laudo da morte, e decretou ser falência múltipla de órgãos, sem nem a tocar – entendemos o médico, não queríamos nos contaminar. Não precisaria dizer, o tempo depois foi de paz e bonança. A velha trazia a sua carga para nos enterrar, e a enterramos, felizmente. Mamãe, no dia da morte, rezou de joelhos, coisa que não fazia há tempos. Penso que ela agradecia a Deus o presente.



Adriano B. Espíndola Santos

É natural de Fortaleza, Ceará. Em 2018 lançou seu primeiro livro, o romance "Flor no caos", pela Desconcertos Editora; em 2020 os livros de contos, "Contículos de dores refratárias" e "o ano em que tudo começou", e em 2021 o romance "Em mim, a clausura e o motim", estes pela Editora Penalux. Colabora mensalmente com as Revistas Mirada, Samizdat e Vício Velho. Tem textos publicados em revistas literárias nacionais e internacionais. É advogado civilista-humanista, desejoso de conseguir evoluir – sempre. Mestre em Direito. Especialista em Escrita Literária e em Revisão de Textos. Membro do Coletivo de Escritoras e Escritores Delirantes. É dor e amor; e o que puder ser para se sentir vivo: o coração inquieto.

Caio Augusto Leite

Nasceu em São Paulo em 1993. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) com dissertação sobre *A Paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. Integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018, na França e na Bélgica, a convite da Universidade Sorbonne. Teve textos publicados nas revistas digitais *escamandro, A Bacana, mallarmargens, Vício velho, Lavoura, Subversa, Literatura & Fechadura e Alagunas* É autor dos livros *Samba no escuro* (Scortecci, 2013), *A repetição dos pães* (7Letras, 2017) e *Terra trêmula* (Caiaponte, 2020), além de colunista da revista digital *Ruído Manifesto*.

no café em que me acomodara
esperando o amor ou nada
vi quando de olhos atentos
testa franzida ele compunha
algo em uma folha de papel

se fosse um poeta
já o teriam prendido
numa jaula para apreciar
seu método de composição

não sabia o que escrevia
com atenção capaz de
latejar a têmpora
como se não houvesse
tempo para mais palavras

como se a ideia já cansada
de esperar se levantasse
e se pusesse a percorrer
paisagens várias para cair
no colo de outro alguém

então me distraí e perdi
o instante em que saiu
do recinto o escritor
não sei se satisfeito
não sei se indo atrás
do tema fugitivo

quem sabe em algum livro
esteja lá o poema sobre
um rapaz solitário num
café do centro, atento
ao poeta que escrevia
buscando salvação no silêncio
querendo dissolver mágoas
no calor da cafeína

QUERO

Eu tenho desejos simples que dão em pés de jabuticaba lá no quintal
Tenho desejos tão simples que moleques sobem nas árvores só para catar alguns, de tão bobos que são
Tenho desejos tão, mas tão simples que passarinhos os bicam com delicadeza e o vento os abraça com carinho sem derrubar nenhum mesmo nos dias nublados
Meus desejos são de verdade tão simples que o que quero é só beijar borboletas azuis comer jamelão direto do pé e abrir os braços para voar como bem-te-vis

Clark Mangabeira
Carioca cuiabano, é doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e professor adjunto de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Graduado em Direito, Letras e Ciências Sociais, é escritor de ficção, tendo publicado contos e poemas em diversas revistas literárias e acadêmicas, e escreve enredos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

A TRANSGRESSÃO

Passei correndo por minha mãe. Sabia que ela não me impediria de sair, mas queria evitar a lenga-lenga das recomendações de sempre. Ajudou o fato de que o ônibus já estava chegando no ponto. Dentro do veículo, virei, como era o costume, praticamente outra pessoa. Que maravilha estar livre, tirar o peso da eterna vigilância materna dos ombros. Então, mais uma vez batendo perna? O que é bom dura pouco. Era a chata da vizinha pegando no meu pé. Não tive vontade de responder. Desaforo ter que dar satisfação a essa mulher. Como se a minha mãe já não fosse aporrinhação suficiente. Porém, sabendo o que malcriações poderiam me custar, me pus a sorrir como se estivesse diante da mais adorável das criaturas. Oi, Dona Glória, que prazer encontrar com a senhora. Tá com uma cara ótima. Se recuperou bem da virose? Mais falsificada impossível. Posso saber onde a senhorita vai toda arrumada assim?, a mocreia acrescentou, depois de ficar uns bons minutos me medindo dos pés à cabeça. Nenhum lugar especial, vou só na escola para a aula de religião. Ah, muito bem. Aula de religião é sempre muito importante. Eu digo isso à Otacília, minha irmã. A filha dela, a Meire, se recusa a frequentar as aulas de religião. Boa coisa não há de dar. É que é difícil mesmo, Dona Glória, voltar pra escola à tarde, depois de já ter passado toda a manhã ali. Cansa. E não sei se a senhora sabe, mas não é obrigatório. A professora já disse mais de uma vez que religião não se impõe a ninguém. Uma bela duma comunista essa professorinha de vocês. Qual o nome da sujeita? Ih, Dona Glória, meu ponto. Satisfação. Inté. Por causa dessa peste, tive que descer perto da escola, tudo para ela não desconfiar. Me esgueirei pelas ruas que me separavam do meu destino original, tomando o máximo cuidado para não ser vista pela linguaruda ou por outra igual a ela. Eram abundantes as jararacas bisbilhoteiras. Diante do prédio de fachada neocolonial, o pequeno lance de escadas foi vencido num golpe só. Meu coração bateu apressado mais uma vez. De novo me senti uma fora da lei prestes a assaltar um banco de cidadezinha. Provavelmente vinha assistindo a muitos faroestes. Giuliano Gema lindíssimo naquelas calças de couro, bronzeado e reluzente por trás do revólver de prata. Beijos ardentes nas mocinhas assanhadas do saloon. Ah, que vontade! O gatilho mais rápido do Oeste. Como eu, que também não podia demorar muito. Como arrastada por um imã, passei rapidinho pela recepção e logo atravessei o espaço deixado pela porta aberta, em estilo cofre-forte, adentrando com ansiedade todo aquele labirinto. Que benção ter acesso assim tão fácil àquele tesouro! As pontas dos meus dedos correram por superfícies de vários tamanhos e formatos, um pouco empoeiradas, é verdade, mas ainda assim uma festa para os sentidos. Na época, minhas escolhas se davam por via intuitiva. E sempre dava certo. Quando toquei nele de repente, eu soube. Um arrepio correu pela minha espinha. Tive certeza de que era o escolhido, ele, o livro que iria ler naquela semana.

Divanize Carbonieri
É professora, poeta e contista. Tem 9 livros publicados, entre eles *Passagem estreita* (contos, 2019), A ossatura do rinoceronte (poesia, 2020) e Nojo (contos, 2020). Publica também livros de literatura infantil, participa de diversos coletivos literários e foi finalista do Prêmio Jabuti (categoria conto).

AQUELE CAFÉ

Afundou suavemente os lábios na xícara de capuccino ganhando um bigode de chantili. Muito bom! Disse sorrindo. As pernas trêmulas ressonavam no solado de madeira do mezanino. Está tudo bem. Disse para si mesmo assentindo com a cabeça. As mãos apertavam o celular enquanto os olhos buscavam repouso na cobertura cremosa do ganache que escorregava por cima do brownie exalando um cheiro de cacau. Aquele encontro não seria o primeiro entre aqueles dois. Também não seria o último. A prova disso eram os planos que, entre um assunto e outro, faziam para o domingo de manhã.

É estranho quando a paixão assombra duas almas distantes. Ela é capaz de anular as exatidões de espaço e tempo. Assume para si todos os riscos. É tudo muito avassalador. Rápido. Forte demais. Aterrorizante de tão exagerado. No entanto, isso não o amedrontava.

Solteirão de meia idade. Nunca se casou e sem filhos. Nunca sentiu necessidade de dizer nada sobre si. Nas idas regulares à terapia, era advertido diversas vezes sobre o risco de suas carências não tratadas. Acreditava que só uma paixão podia curar outra paixão. E isso foi sugando-o para dentro de um buraco negro. Era um mantra-catártico.

Negava-se à cicatrização lenta e necessária do peito daqueles feridos pelo Eros incontido. Chagado, não cessava de buscar mais chagas. Como um vício, inclinou-se a viver, dissolutamente, de boca em boca, de cama em cama. Independente de quem fosse.

Vivia só, sempre foi só.

Não importava se a ferida purulenta da paixão anterior ainda latejava escondida. Repleto de frases clichês, dizia sempre que amar é desnudar-se. Estar ali, naquele café, percebendo o entra e sai das pessoas, as lembranças eram como bisturis certeiros de todos os encontros que vivera naquela cafeteria. As cadeiras alinhadas, o vaso de ônix no canto, os livros de poesia que ninguém lia. As sombras subindo e descendo.

Naquela mesa cheia de reminiscências ruminava seus medos, sua dor, suas paixões. Sentia, misturado ao morno líquido arábico, o gosto da frustração, do desalento, do abandono. Pendendo a cabeça para trás, percebia como era pequeno diante de tudo e enxergava sua fraqueza refletida no espelho ovalado do teto. Sentia sua esperança escorrer pelo tempo. Era isso: tempo. Ele não tinha mais tempo.

Com o ar arrastado para os pulmões e cansado de esperar, mal terminou a última xícara, pagou a conta e saiu.

Edson Flávio
É cacerense, doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEL/UNEMAT) e pesquisador na área de Literatura. É autor de Aldrava (2020) e escreve desde quando descobriu seu amor pela poesia.

VELÓRIO

Morreu alguém
Na funerária, havia pouca gente
Comprei uma coroa de flores
Abracei duas senhoras risonhas
Cumprimentei um rapaz de óculos escuros

Morreu alguém
Tomei café no copinho de plástico
Fui ao banheiro duas vezes
Uma mulher triste, tristíssima
Foi amparada onde velavam o morto

Morreu alguém
O padre gastou algum latim
Abençoou a alma e os sobreviventes
Horas extremas, de urgência morna
As dores de Cristo, contudo, são eternas

Morreu alguém
Nunca soube quem, mas recebi os pêsames
Sinto muito – mentiam sinceramente
Eu fiz a minha parte:
Chorei um pouco e fui almoçar

SUSSURRO MAU

Um sussurro mau
Sopra nos ouvidos dos homens
Murmura baixinho - Toma tudo à força...
Poucos anos depois, um timbre limpo
Já se ouve nos cafés da esplanada
Perguntando a esmo – Estaremos sós?
De repente, homens embriagados
Gritam e cospem e gargalham
Batem na mesa, jogam copos no chão
Juntos, entoam hinos - Será hoje!
Depois disso, ninguém distingue nada:
Quem é quem; quem quer o quê
Diante da turba, tudo emudece.

Eduardo Mahon
45, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.

Gabriel de Mattos
É doutorando em Sociologia (FFLCH-USP), graduando em Filosofia. Escreve sobre arte contemporânea, arte urbana e matemática. Trabalha com pesquisa de mercado e opinião

OESTE

Fechou a porta. Respirou fundo. Falhou. Não sentiu o coração desacelerar.

Também não era pra menos!

Olhou a paisagem pela janela do escritório. Do SEU escritório, ali no meio da Amazônia. Na presidência do Novo Paraiso Golf Club.

Que ainda nem estava inaugurado.

E do jeito que hoje, o dia da inauguração, estava indo... Poderia nem ser inaugurado.

Porque fora aceitar esse cargo? Essa honraria, como dizia Maria Lelena, sua esposa. Ah, claro: Maria Lelena, que finalmente era primeira-dama! Afora isso, porque os dois grupos?...

- Sêu Maurélio?... – na porta entreaberta, Clarice, organizadora da limpeza, cozinheira-chefe (como chef tinha um outro nordestino com nome francês), executiva da organização física (título pomposo, salário baixo), com o marido a reboque.

- Dona Clarice...

- A gente sabe, Sêu Maurélio. A gente só queria... também proteger, blindar o Gorfeclube.

- Mas daqui a pouco...

- É, a gente sabe. O Pastor Carlos vem aí. E aí... sabe, aí não ia dar mais...

Respire, Maurélio. respire, Presidente...

- É que é esta hora matutina que a gente precisava, presidente, só uma pequena cerimônia. – o marido, de bigodinho (de bigodinho!), sempre sorridente, e sem título pomposo - Sabíamos que o senhor entenderia...

- Agenor, eu precisava saber antes...

- Já está feito, presidente. É só uma proteção. Não tem mais nada lá, os tambores, as flores...

- Tudo bem, gente, tudo bem. Fica aqui entre nós, só.

- E entre nossos protetores, Sêu Maurélio.

- A gente até trouxe um presente, senhor presidente. Um colarzinho de Xangô. Sabemos que o senhor tem que enfrentar dificuldades. Foi um como esse que me ajudou no garimpo, até chegar em Novo Paraiso... – Agenor estende um pacotinho. – Pode usar escondido mesmo. A gente entende.

Ele respira, guarda o pacote no bolso, depois de apertá-lo com um suspiro fundo e... vá lá, pedir proteção.

Maria Lelena sempre falava desses... como dizia? Sincretismos, acho que é isso.

Ela podia ter essa atitude meio distante, era funcionária-pública-concursada, não admitia questionamento. Ele, Maurélio, é que trabalhava, enfrentando a iniciativa-privada, expert em jogo de cintura. Ela fazia treinamento, especializações. Ele saltava de cargo em cargo, da Colonizadora

para a Rede de Comércio que se instalava no Nortão de Mato Grosso, depois de volta a Colonizadora e dali para a Distribuidora de Bebidas (filial, não franquia, como ele pensava); agora na Transportadora do primo-rico, com perspectiva (será?) de sociedade.

- Oi, senhor Maurélio. A gente atrasou um pouco, mas já vamos montar o palco.

Precisava trancar a porta, a assessora do Pastor Carlos. Tarciana?... Marciana?...

- Ah, tudo bem, podem ocupar... inaugurar o Salão Novos Bandeirantes!

- Obrigado, senhor Maurélio. Louvado seja. Mas... nem tudo está bem. A Bispa não pôde vir. Emergência de última hora. O que foi até melhor. Os voos foram cancelados hoje. Só deu para aterrizar o avião da atriz e do conde...

- Ah, eu soube. Neblina e instabilidade. E nosso aeroporto não está nem pronto ainda. Se precisarem de qualquer coisa, falem com nossa gerente-de-eventos (outro título, mesmo salário) Dona Clarice.

- Obrigado, senhor Maurélio, mas já está tudo planejado: trouxemos o palco pré-fabricado, o som da igreja e, além do culto, vamos ter uma palestra de motivação, uma palestra-show com um dos nossos irmãos da Central. – ela se aproxima, entre insegura e sorridente – Pastor Carlos enviou para o senhor, com as bençãos do culto de domingo passado. – entrega um livro colorido, com título em letras grandes – E também reiterou que continua esperando o senhor em um de nossos cultos.

- Obrigado, dona... – fala um nome intermediário entre os que se lembra – esta ovelha ainda vai se desapegar de algumas coisas antes de voltar aos cultos.

De volta à solidão no escritório-da-presidência. Guarda o livro numa das gavetas da escrivaninha (doação da Móveis Paraíso, requinte-e-bom-gosto-ao-gosto-do-cliente); em outra está a Bíblia católica de capa dura e sobrecapa de papel cuchê, que ganhou ontem de Frei Inácio, depois da "conferência de paz".

Seria bom o Pastor Carlos não atrasar na cerimônia do almoço; logo no início da tarde o pessoal da Pastoral católica iria vir montar o altar no outro salão, o Pioneiros do Futuro. E com o Arcebispo em pessoa.

Foram duas semanas de negociações, com o presidente Maurélio tentando compor os dois campos. O Arcebispo e o Pastor Carlos rechaçaram o culto ecumênico sugerido pelo presidente (ideia de Maria Lelena, mais militante que religiosa). Ainda bem que ele conseguira barrar um plebiscito sobre o culto único, que poderia rachar, e potencialmente destruir, o nem inaugurado Novo Paraiso Golf Club. Acabou que ficaram duas cerimônias, cada uma inaugurando um dos salões nobres. A inauguração oficial seria à noite, grandona e com festa de arromba, algo eminentemente Político, com as altas autoridades locais, mais deputados (estaduais e federais) e talvez um senador.

E os religiosos em mesas grandes, em lados opostos do Grande Salão. Além do conde italiano e da ex-musa da pornochanchada...

E ainda teve a benção do pessoal de Dona Clarice, ao raiar do dia! Batuques, danças, fumaça e folhas de erva-santa. Agora era esperar que a Pastoral não decida adiantar os preparativos.

Sentou-se na mesa de presidente, na cadeira de presidente (melhor que ser Secretário da Associação Comercial, detestava fazer e revisar atas!)... Telefone!

- Presidente Maurélio, Irmã Adelaide. Só para avisar que o Arcebispo não vai poder vir. O aeroporto da capital fechou, e o nosso só aceitou um pouso hoje, daquela vedete de cinema...

Maurélio suspirou. E ainda podia chover hoje de noite.

Abriu a gaveta do centro da mesa, tirou um livrinho já meio torto de usado, abriu numa página qualquer.

Nessas horas só o bom e velho Chico Xavier! (Obrigado, Maria Lelena...)

Henrique de Medeiros

Henrique Alberto de Medeiros Filho é escritor, publicitário e jornalista (presidente e titular da cadeira 10 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras - ASL)

CORPO MORTO

venho para homenagear
esse corpo
morto
os dedos já não tocam
o vento ou o calor
as pernas
já não traçam
percorrem
confundem água terra ou ar
os pés
já não chutam
relâmpagos
aqui estou
para com meus olhos
fitar esse último olhar
escondido pelas pálpebras
a boca
já não sente o gosto
ouvidos
não ouvem mais
o choro de
conquistas ou desapontos
nem risadas
festivas ou tristes
estou aqui
para cumprimentar essa
desencorpada pele que
não me reconhece
cujos intrépidos encéfalos
já não comandam
batalhas ou orgias
óvulos com espermas
já não disputam corridas
de verdades ou enganações
estou aqui
para homenagear
essas células mortas
e desejá-las vida
esse corpo frio não carrega
mais o sol em si
e já não dorme na lua
carrega em seu semblante
a mais perfeita incompreensão
da compreensão finale

BARRULHO

a chuva barulha
a pomba arrulha
a chuva e a pomba
a pomba e a chuva
a chuva arrulha
a pomba barulha
a chuva rubalha
a pomba lharrua
a chumba e a pomva
a pomva e a chumba
arre! pare!
adeus chuvaia!
adeus pombilha!
da calha de areia
da telha de palha

Janet Zimmermann
nasceu em Catuípe/RS e está radicada em Campo Grande/MS. Escritora e poeta versilibrista, publicou quatro livros de poemas. Com PÉTALAS SECRETAS (Editora Patuá/SP) – recebeu o Prêmio Guavira de Literatura/Poesia/2017. Participou de seis antologias brasileiras e tem poemas publicados em vários sites, jornais e revistas literárias, dentre os quais, destaca: Revista Literária Pixé, Revista Piúna, Mallarmargens e Amaité. Está na 4ª edição – revista e ampliada – do livro "História da Literatura Brasileira, da carta de Caminha aos Contemporâneos", de Carlos Nejar. Foi Editora Assistente e uma das criadoras da Revista Piúna, periódico literário digital da UBE-MS (União Brasileira de Escritores de Mato Grosso do Sul), a partir da segunda edição. É membro correspondente da AFESMIL (Academia Feminina Sul-Mineira de Letras) onde ocupa a cadeira 23 da patrona Maria Eugênia Montenegro.

Klaus Henrique Santos

Reside em Sinop-MT e é membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras (ASCL), nela ocupando a Cadeira 10, cujo patrono é Jack Kerouac. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo. Publicou Páginas da Escuridão (2012), Enfim, a estrada (2014), Horror & Realidade: contos (Carlini & Caniato Editorial, 2015), No Compasso da Loucura (Carlini & Caniato Editorial, 2017) e A poesia mora no bar (Carlini & Caniato Editorial, 2018).

ESTATUETA

Seguros de que a ausência de programação resulta nas melhores aventuras, decidimos agora, neste sábado à tarde, passar o restante do final de semana na cachoeirinha. Às pressas reunimos os apetrechos para o acampamento. No porta malas do Fiat, as barracas, colchões, a grelha e os engradados de cerveja. O vinho, o cigarro e a comida vão conosco na cabine do carro.

A "cachoeirinha" é na verdade um complexo de três pequenas cachoeiras de um riacho rodeado por mata, que desagua no rio Teles Pires. Ninguém além de nós sabe do lugar, o que garante total liberdade e privacidade. Por egoísmo misturado à preocupação ambiental, nunca revelamos ou fotografamos o nosso refúgio sagrado.

Organizamos as barracas no solo pedregoso às margens da segunda queda d'água, onde um pequeno lago se formou, represado naturalmente. Com o entardecer, organizo a fogueira delimitando o espaço do fogo com as pedras maiores. Ao retirar uma delas, percebo uma pequena estatueta entalhada em forma humanóide despontando para fora da terra. Levo o artefato para a cachoeira e o banho nas águas escuras. O correr das águas parece retroceder quando a toca e noto uma pequena pedra esverdeada em uma fissura entre o tronco e o pescoço. Ao tocá-la, a estátua desloca-se e, por uma fração de segundos, assisto o lugar à minha volta revelar-se imensamente maior, quando o curso d`água atingia muitas vezes mais o tamanho de agora. Ao ajustar novamente a estatueta, retorno para o presente.

Não revelo a descoberta aos meus e sigo com o objeto pela trilha, de volta à estrada. Passo pelo carro estacionado próximo a um pontilhão e faço novo caminho até a margem do rio. Nessa época do ano, o nível baixo da água revela as grandes rochas do leito. Em alguns pontos é possível avançar dezenas de metros rio adentro sem sequer molhar os pés. É isso que faço, amparado pelo luar que ajuda a enxergar as pedras certas a pisar.

Escolho uma rocha para sentar e contemplar a estatueta e ao mesmo tempo encaixá-la nas constelações que avisto no céu. De tempos em tempos, ouço ao longe os pesados caminhões passando pela ponte de concreto poucos quilômetros ao sul daqui.

Quero visitar novamente o mundo paralelo e desloco o eixo central da estatueta. Subitamente o céu tornar-se púrpura. Olho ao redor e me deparo com o rio completamente seco, apenas com suas pedras milenares envoltas em areia. Retorno à mata e não há sinal da trilha que me trouxe. Decido caminhar até a grande ponte e dali buscar a estrada de acesso à cachoeira. Estou fascinado pela vegetação que vou encontrando, composta por folhagens arroxeadas e o que suponho serem flores de cor âmbar, além de árvores em tamanhos descomunais. Após a longa caminhada percebo que a ponte não está lá e, para meu desespero, não há qualquer vestígio de que um dia tenha estado. Descanso brevemente e retomo a viagem pelo leito seco do rio. Não tenho como precisar há quanto tempo estou vagando e nem se o conceito de tempo existe aqui, onde quer que este lugar esteja. Estanco ao ouvir batuques e avistar ao longe a claridade de uma fogueira, rodeada de seres desconhecidos. Percebem minha presença, o barulho dos tambores cessa e dá lugar a vozes inumanas. Caminho para a margem oposta na esperança de mover o centro da estatueta e voltar, mas só agora percebo que as minhas mãos estão vazias.

DRAMA CONTEMPORÂNEO

peixinhos dentro do aquário
me olham nos olhos
e passarinhos na gaiola também.
sobrevivo a esses olhares
com uma certa dor
que não é de estimação

não há nada mais triste
do que o olhar
de um bife a cavalo:
grandes quadrúpedes sofrem pra caralho

e agora descobriram
que o estresse dos vegetais,
além de não impossível,
é audível

com quantos paus
se faz uma canoa
tá balançando demais
meu coração à toa

vejo que o coração humano
também pensa
e repensa esse drama
da vida contemporânea

além do sexo,
mais nada me resta
pra matar a fome

dizem que o sono alimenta,
então, vou traçar o pesadelo
como sobremesa

Lorenzo Falcão

"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.

EMILY

Caso Emily Dickinson fosse se preocupar
com a crítica, nada teria
chegado aos nossos dias.

Há pessoas que falarão de tudo, pois
tem função de obstáculos
e nada mais na vida.

Citarão tempo, roupa,
loucura, até a falta de ponto e vírgula.

Talvez seja a couraça da poesia
sendo, continuamente,
prensada a frio.

45

Festejo
meu tempo
em silêncio.

Não há fogos-de-artifício
serpentinas

mas não posso
me dizer
quieto
contraído:

há um rio de lava
em minhas veias.

Luciano Lanzillotti
É doutor em Literatura Brasileira pela UFRJ, autor de Geometria do Acaso e Fotografia de um minério, Editora Dialética, 2021.

o pai já saberia de todos os jogos
porque teria arrumado uma tabela
(de onde?) os resultados anotados
pontualmente e depois as siglas
dos países que disputam as fases
finais. hoje jogam polônia e frança,
ele já saberia e faria uma cara de
dúvida virando assim o pescoço
ou faria um sinal com a mão querendo
dizer que - quando foi que o pai
perdeu a voz? - viria ali uma pelada,
porque disso o pai sabia, e de muitas
coisas mais, embora duvido que
soubesse onde fica o qatar, esse
país distante, coisa que com um
mapa-múndi uma projeção o
google maps eu resolveria ao
mostrar e dizer fica aqui, ó, perto
da arábia saudita. ele faria aquele
gesto de cabeça que queria dizer
entendi como queria dizer obrigado.
e se trouxéssemos a taça, então o pai
preencheria os dois últimos espaços
da tabela com um sorriso no rosto
ainda que eu não tenha certeza se
ele sabia escrever e tenha certeza
absoluta de que os mortos pouco
ou nada comemoram.

Marcelo Labes
(1984) É natural de Blumenau e reside em Florianópolis-SC. É autor, dos romances Três porcos (Caiaponte, 2020) e Paraízo-Paraguay (Caiaponte, 2019) e dos poemas de Enclave (Patuá, 2018).

BIO DO ARTISTA

Emerson Persona
Artista convidado

Graduação em Superior em Pintura e Especialização em História da Arte Moderna e Contemporânea, ambas pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (2009). Possui Mestrado em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2017). Doutorando Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – PPGTE. Atualmente, sua obra é representada pela Galeria Zilda Fraletti, de Curitiba-PR.

MOSTRAS:
Em 2023, realizou VERMELHO – MuMA, Terzo Paradiso – MON e Afinidades – MON. Na trajetória artística, temos ainda Sensível por Natureza, artistas do acervo. MON 2020; Bienal Internacional de Curitiba - 25 anos; Secretaria da Cultura 2018. Na Diferença se Constitui. MUMA 2018; O Poder de dar Nome às Coisas. MUSA -UFPR 2016; Under Construction - Casa Andrade Muricy - MAC. 2013, entre outras

Mário Cézar Silva Leite
É professor titular da Universidade Federal de Mato Grosso. Atua na Graduação em Letras/Literatura (IL) e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO-FAC). Fundou e coordena o Grupo de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso-RG DICKE (CNPq/UFMT). Doutor em Comunicação e Semiótica, é crítico literário e escritor. Dentre suas publicações destacam-se: Recuerdos de Mi Abuela & Outros Estilhaços em Charla (Cathedral Publicações/Carlini e Caniato Editorial, 2020); Memorial [IN?]Descritivo: auto-ópera-biográfica-burlesca para professores titulares em literatura (Cathedral Publicações/Carlini e Caniato Editorial, 2017); Literatura, Vanguardas e Identidades: as Brenhas do Regionalismo (Cathedral Publicações/Carlini e Caniato Editorial, 2015)

GRAVATAS EM SEDA AZUL COM RANHURAS CINZAS

Atravessávamos as madrugadas fumando maconha, tomando café e transando. E rindo, rindo muito. Ouvindo Urubu, de Tom Jobim. A Arquitetura do Homem rodando, rodando, rodando numa velha e colorida vitrolinha a pilha. A vermelhidão do dia surgindo injetava em nós redemoinhos psicodélicos de pura luz. Era fácil rir e daquele modo estar feliz sempre. Na dança das luzes eu projetava horizontes que se desdobravam e se multiplicavam em si mesmos. Em mim. Não éramos diferentes de milhares e milhares da gente jovem daqueles anos que transava, fumava maconha e tomava qualquer coisa, seja lá o que fosse, em qualquer lugar do mundo. Tudo era muito jovem, o mudo tinha viço, acho que essa palavra nem existe mais. Pelo menos para nós era assim. Rir das madrugadas, rir do sabor das palavras que eram muito engraçadas. Rinoceronte, horizonte, tresantontem, horrrrriiii, ho, ho, horror, camuflagem, no fla a língua vai fazer cócegas no céu rosado da boca, mas tem que falar sílaba por sílaba para sentir o fla, fla, adaptável, no ap a boca deve fazer um beicinho como os franceses, api, idiossincrasia, que porra quer dizer essa palavra, já ouviu? Já, mas não

tenho ideia do que quer dizer, mas nos dois ss tem que fazer beicinho e assoprar ao mesmo tempo, sssi, ssssssssi, o que é nhambu? Um pássaro. Será? Acho que é um tipo de lagarto verde-rosa. Mangueirense. Não, a música fala que o nhambu cantou lá na floresta. Ah, é mesmo. Cantou, é pássaro. Nham, nham, nham, bu, bu, bubu, bububu. Malemolência, mal, mallllll, lemo, lemo, coloca a língua atrás dos dentes de cima, molê, molê, molê, cia, melancia, melancia, violência, viol, viola, lencia, lenço. Esporrar, espo, espo, exposição, porrar, porrar. Gozar, gozar, gozar, matar. De gozar, matar de gozar. Gozar de matar. Era isto, rir dos projetos e sonhos e transar muito. Entre um cigarro e outro, cama. Entre um café e outro, cama. Disse-me uma vez que jamais usaria gravatas. Seus planos eram mais simples, se formar em arquitetura e trabalhar em projetos de construção de casas populares. Parecia-me pequeno no sonhar. Manteria então para sempre aquele jeito doce de hippie classe média. Um desbotado sempre novo, os cabelos longos e sedosos e o olhar. O olhar? O olhar sem horizontes. Talvez minha mania de grandeza fizesse-me achar isso muito pouco. Os olhos dele, não sendo de "ressaca", por suposto, raramente brilhavam. Davam-me a impressão de não ir muito além de uma limitada linha de um horizonte que findava em si mesmo. Como se brilhassem só até ali, perto, horizonte próximo. Não entendia isto. A ânsia de viver se manifestava na volúpia e na fúria com a qual jogava o corpo contra o meu. No gemido abafado do corpo sob o meu que injetava nele todo o meu desejo de uma vida plena, de vastos horizontes de alvorecer e anoiteceres. Mas e se usasse gravatas? Seriam em seda azul. Só, só? Não, seriam em seda azul com ranhuras cinzas. Ra, ranhu, rahu, tem que ter um arranhado que vem da garganta para o céu da boca e aí sai. Ranhu, ranhu, também faz biquinho. No redemoinho do existir de cada um que põe, repõe, dispõe, transpõe, trovões, voens, voos, vazios, vasos, casos, anos, anus, anjos, an, an, an, jos, jojos, demônios, ônios, sinônimos, ânimos, desânimos, animas, almas, calmas, valsas, vidas, vidas, vidas, perdemo-nos das madrugadas entre sexo, maconha, café, estalar de língua, arranhar gargantas e o Urubu. Outros corpos nos esperavam. Outras vidas, outros sonhos, talvez, outros desejos. Fomos, simples assim, fomos. Outros discos, outros horizontes, outros risos, outros motivos. Vez em quando sabia dele. E não sei dizer se sabia de mim. No juntar dos em quando, se formou em arquitetura, mudou de cidade, trabalhava em uma grande empresa. Usava gravatas. Gra, gragra, grava, atas, atos, atros, atroz, atro, antro, atrocidade. Sempre, todo dia de trabalho, usava gravatas. Não sei ao certo, idiossincrasia, redemoinho, ranhuras, violência. A última vez que soube dele ele já não tinha como saber de mim. Não sei quem me disse, lembra do xxxx, vocês ficaram juntos um tempo, lembra? Violência, crença, excrecência. Vi, vio, vivivi, o, oooo, lenço, lência, gravatas, gravatas, gravatas azuis. Ele morreu. Mataram ele. Foi encontrado todo amarrado com gravatas dentro do guarda-roupa no apartamento dele. Enforcado com uma gravata em seda azul com ranhuras cinzas. Não se sabe quem o matou. Sabe-se muito pouco ou nada. A polícia? Tratou como trata todos os casos deste tipo. Há veladamente, será?, uma permissividade, per, per, pérola, perna, o ssi tem que ser soprado pela boca quase fechada, ssi, ssi, PERMISSÃO, para não se investigar muito. É sempre o mesmo. O veado pegou um cara na rua, levou para casa e aconteceu. Aconteceu! Aconteceu? O quê? Ah, de repente o cara não era bicha e se ofendeu. Sério? É, isso acontece muito. Se o veado não fosse veado, estava vivo até agora. Assim, é assim que pensam. É assim que agem. É assim que ensinam a fazer. Fiquei febril e com náuseas. É só mais um gay. Essa é a "resolução" do caso. Dos vómitos e vómitos, uma ideia foi tomando corpo, assento, posse, em minha mente. Ente, crente, vivente, corrente, descrente. Coisa muito simples, se ninguém se importa, eu me importo, me incomodo, vou achar quem fez isso. Comprei no dia seguinte uma gravata em seda azul com ranhuras cinzas e me mudei para a cidade que ele morava. Mas e se usasse gravatas? Seriam em seda azul. Só, só? Não, seriam em seda azul com ranhuras cinzas. Ra, ranhu, rahu, tem que ter um arranhado que vem da garganta para o céu da boca e aí sai. Ranhu, ranhu, ra, ra, rara,nhu, nhu, nhunhu, ranhura.

ENCANTOS

Verdes muros, imponente muralha,
Folhagem densa, intimidatória,
Vibrante em clorofiliana glória,
Cujo exército, no escuro, gargalha.

Via aquosa de líquido sombrio
Sobrenaturalmente especular,
Infinita, plana a sumir no ar,
No horizonte dum infinito rio.

Infinito rio a sumir na bruma,
De fantasmas assomando no espelho
Para seu misterioso concelho,
Que condensa nas folhas e ressuma.

Gotas gélidas a pular das folhas
Doidas dando giros no ar vazio
Fingindo tanger a face do rio
No qual borbulham repentinas bolhas.

Emergem d'água vaporosos mantos
Ideias perdidas, alegorias,
Esquecimentos, fantasmagorias,
Alucinações, crenças e encantos.

Mateus Elias
Mateus Elias é engenheiro civil, youtuber, aprendiz de viola de cocho e escritor. Nas redes sociais você o encontra pelo apelido: 'Xomano do Saber'."

o despertar dos sinos agônicos convocando a classe trabalhadora
a poesia vem vindo sem censura
um roteiro
um curativo
um lenitivo acinturado
costuro minhas elucubrações com pressa e barbante
e sonho anil
eu quero vestir a canção pega de improviso
porque mais fluída
e harmônica
e feminina
porque carrega no bojo a partitura do nome de minha avó
porque congrega um arrepio que desconcerta a paisagem
e trinca o espelho da conversa
eu quero amanhecer sem adversários dessa vez

minha intenção perdura acesa madrugada adentro
eriça a alma quando mexe com os demônios alheios
não divido com ninguém minha ignorância
sigo tratando-a a pão de ló
ela é gorda e trepa com o chuveiro durante o expediente
arroubos de leviandade fertilizam suas taras semanais
passeio minhas roupas de domingo
dependuradas na paisagem da tarde langorosa
elas descansam e se renovam
escorre langor
o mel do humor no lençol
é só com você que tenho esse frisson
uma tara titânica que muito me apraz
congregamos juntos
em desjejum
calor e orações
sobre o tédio do asfalto sem sorriso repentino
evita que me precipite
o luar em pânico tinge o reflexo de um pássaro de bronze
e coloca uma chuva irreversível remasterizada
no horizonte

a noite inteira jorrando poemas
a pele do poema transparecendo auroras
transpirando amores
as farpas do poema faço questão de evitar
a escrita automática deixa um borrão na página
não se assuste
os caminhos trôpegos de casa eu reconstituí com tinta boêmia
pantomima e bastante álcool
preocupado com o percurso do pássaro
com o balé de sua coreografia no ar
rumino em silêncio – áspero pergaminho
peço permissão
as esquinas do lirismo desembocam em luar
estado eterno de vigília
e o grave da minha voz adulterada em voo
por outro ângulo revisito emoções
por via das dúvidas guardo os prints das conversas que tivemos
um dia posso querer recordar slipknot
agora temos o cerne maculado pela imagem vespertina
e papéis de bala ao anoitecer
arde em minha lembrança uma boca de crepúsculo incendiada

Odair de Morais
É cuiabano, nascido em 1982. Formado em Letras e em Jornalismo pela UFMT, publicou até o presente momento Contos Comprimidos (Multifoco, 2016) e o volume de haicais Instante Pictórico (Carlini & Caniato, 2017). É poeta e escritor.

RENASCIMENTO

Depois da Queda
Como um fogão de oito bocas
A ansiedade tem consumido os dias
as dúvidas, as dores
as vírgulas os pontos
A ansiedade tem se alimentado
dos grandes movimentos
Suas bocas seus dentes suas línguas
impossibilitam que eu percorra
grandes distâncias
Aprisionado a mim à minha futilidade
Um metro um quilômetro uma légua
terrestre ou submarina
O falo a foice o fogo
Tudo me parece amplamente distante
os corpos os copos os escopos
Tudo me parece
nada me faz parte

Como Prometeu acorrentado
O Caos tem me atormentado
ininterruptamente
Sob as correntes de minha derme
Cimentado a mim à minha miséria
Permaneço distante
à luz e à escuridão das coisas naturais
Ao imenso Avestruz
que devora não somente o fígado
(pois o álcool já o consome)
todo o organismo
toda a musculatura
toda a ossatura
dia
após
dia

Inibem
Selecionam
Captam
Entre pontos e vírgulas,
Serotonina, Noradrenalina, Dopamina.
Renasço.

Muito tempo depois da Quebra
Acoplei a mim a necessidade do renascimento
5 mililitros de Clonazepam
15 miligramas de Mirtazapina
75 miligramas de Venlafaxina
Como Vênus
Eu (re)nasço
Sob o efeito de doses cavalares
As dores e as dúvidas
Se dissipam
Os pontos, as vírgulas
Se presentificam
Eu feito cavalo
Solto pela superficialidade selvagem
Percorro descalço
A pele em contato com o solo me permite florescer
A pele em contato com o sal me permite anoitecer
Flor e Estrela
Flor ou Estrela
Os antidepressivos me permitem
ser o que eu deveria e não sou.

Pablo Rezende

É filho de dona Ilda, poeta e professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação da Rede Pública do Estado do Mato Grosso. É graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e Mestrando em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). É autor do livro O dever e o haver, publicado pela Literata, em 2011. Têm poemas publicados em várias antologias poéticas nacionais e internacionais.

hoje é preciso a cor.
o gracejo, um carinho, só um pouco de ar.
sacar um poema tão bravo que vire semente,
e brote nos muros e tome a cidade.
já é urgente o reparo, a bravura, a mistura.
o canto do galo, do mato ou do beco.
saber entender entre linhas,
e gritar só com os olhos, pintar os cabelos.
depois se espalhar pela rua,
e valsar pela praça até que faltem pés.
mostrar cada pedra de chão, cada pano de mão,
que a maldade marcou quando a noite caiu.
tomar as escritas por armas,
e trançar entre os dedos se a voz não sair.
contar com o retorno da lua, cuidar do amigo.
esconder bem as asas...
que ainda se pode voar.

belo dia e o verso não vem.
mais arteiro que mau, perde a hora.
pois se a musa não faz de rogada,
o verbo se faz de ninguém.
a catarse vital se faz longe.
e a palavra servil, caprichosa,
sai dançando entre riscas e notas.
e arisca e distante e louca,
some grave...
e a rima, que é tanta, anda prosa.
ri marota, ao farrapo da escrita.
rima rota!
sem rumo e sem eixo.
diz.com.texto.
e assim fica tudo estancado.
abafado.
a consciência plena.
o sentimento plano.
e o poema, adiado...
mas a alma pelada de medo,
vai vagando ao bailado da sorte.
só e sempre.
como eterna catadora de palavras.

Paula Quinaud

É doutoranda em design, com enfoque em gênero – por desafio (ED-UEMG). Mestre em gestão social e educação - por ainda ter esperança (UNA). Especialista em arquitetura contemporânea e cinema - por interesse (PUC-Minas). Designer de ambientes e produtos - por profissão (ED-UEMG). Professora e coordenadora universitária - por pura vocação (ED-UEMG). mãe em tempo real – por um amor imenso. Catadora de palavras por necessidade absoluta... produção acadêmica vasta e participação em antologias. Autora do livro 'atrevidas' (Editora Patuá, 2020).

Paulo Sesar Pimentel

Natural de Mato Grosso do Sul, mas residente em Mato Grosso há mais de 20 anos. Graduado em Letras, Mestre em Estudos de Linguagem e Doutor em Psicologia, é professor do IFMT Campus Cuiabá – Bela Vista. Publicou as coletâneas de contos "O cão sem penas" (2014), "Diário de Uma Quase" (2010), "Café com Formigas" (2005) e "Ângulo Bi" (2002 - com outros autores mato-grossenses).

DEPOIS DE ONDE

Convém que você conserve
a pele grudada,
cobrindo os ossos.
É preciso – cada vez mais
e mais –
esconder o esqueleto.
Na madrugada
os ossos ficam querendo
se descobrir, se mostrar.
Mas mantenha-os
quentes.
(ADVERTÊNCIA - Lilian Aquino)

Hoje, é segunda-feira.

Hoje, é domingo.

Ontem, foi sexta-feira.

Anteontem, foi quarta-feira, o dia em que mais chorei.

Não sei quando cheguei a este banco pela primeira vez, mas sei que, desde então, todos os dias venho a este parque, sento-me neste mesmo lugar e não falo com ninguém. Vezes houve em que havia pessoas ocupando meu assento. Pensei em gritar, pedir, atacar. Se eu cuspisse, atirasse fezes, urina, se eu tirasse toda a roupa e começasse a balançar os braços, como um louco... nada fiz – e farei - além de esperar. As pessoas que ocupavam meu banco, meu lugar no parque, na cidade, na vida, levantaram-se de mãos dadas e seguiram um caminho confuso.

Não sei quando cheguei a este banco pela primeira vez, mas, em todas elas, pude me sentar, às vezes, de imediato, às vezes, depois de uma espera interminável, sempre de costas para o nascente.

Talvez seja agosto. Como não guardei datas, apenas caminhei errante e, chegando aqui, sentei, pode ser que em outubro tenha começado. Faz dois anos – ou onze. Só sei que este banco é um ponto fixado num mapa mágico e eu preciso todos os dias sentar e esperar. Primeiro, eu não sabia o que esperar. Apenas sentava e ficava, nos idos de uma terça-feira, em julho ou dezembro, ou teria sido uma quinta-feira, em abril? Apenas me sentei, naquela primeira vez, domingo, e fiquei de frente para no norte. Era outono e as folhas caíam desoladas. Então, elas vieram.

Tenho a certeza de que estou no parque em Amsterdam. Ou Marrakech. Sei que hoje é dia primeiro, ou dia dezessete. Estamos bem no meio do começo da semana, ou no começo do meio do ano. Sentindo o sul que sobre ao meu lado, elas já chegaram e era verão.

Da primeira vez que vieram, eu não as esperava, ainda que soubesse que este dia chegaria. Cheguei a este parque, no Japão, num fim de tarde, quando o sol se escondia no leste. Não era a primeira vez que eu vinha, era a primeira vez que elas vinham. Pousaram em meus ombros, duas, amedrontadas pelo calor que soprava do deserto, naquele meio-dia, siroco anunciando o atracar de um navio de guerra.

Elas vieram de todas as partes e pousaram em mim naquele inverno insuportável. Suas bicadas eram suaves, como carinhos, como carícias, como sentimentos injetados na carne, nos músculos, nos ossos, como socos, como tapas, como empurrões auxiliados pela gravidade. De frente para o mar cristalino de uma desconhecida praia australiana, onde decidiram colocar aquele parque inglês, eu estava sentado, pela milésima noite seguida, com mil e três histórias de morte e de vida, e elas bicavam tão suavemente e, ao mesmo tempo, de modo tão firme, tão certeiro, que eu ninava sonhos sombrios. Eu sabia que, depois das três primeiras (ou seria só uma), outras viriam. E vieram. E em suaves afagos, naquele sábado, elas festejaram o mês, daquele ano bissexto, comendo alqueires de minha pele. Preservaram meus olhos, pois elas deviam saber que eu perambularia por toda a cidade velha e, no dia seguinte, pegando o elevador, da cidade velha para a novíssima, precisaria voltar para elas, como a fome sempre volta ao estômago, como o soco sempre volta aos dentes, como a alma sempre se perde na carne.

Neste primeira vez, ou foi na sétima, décima terceira, ou não importa o dia, que era primo, eu sabia que voltaria, cada um dos trezentos e sessenta e todos os dias do ano para elas. E elas me esperavam. Depois da primeira, ou da terceira, ou da décima sétima, vigésima terceira, eram dezenas, famintas, mas gentis, a me morder com dentes invisíveis toda a extensão do corpo. Sempre naquele banco, sempre de frente para o sol, que geralmente se escondia em tempestades de neve e ventos frios daquela impronunciável primavera. Era o último dia antes do solstício, ou seria o equinócio?, e elas vinham em rodeios no ar, serpenteando um bailado fúnebre e natalício, esperando adestradas eu me sentar naquele banco de frente para aquele parque que encanta Moscou, ou entristece o México. Se o casal de apaixonados não saísse, que vontade sempre me deu de jogar pedras, de empurrar, de espantar as pessoas do meu lugar no mundo, naquele velho mundo onde havia um banco, para onde o tempo e o a que horas do espaço convergiam.

Não sei quando cheguei a este lugar pela primeira vez. O barco que ancorei ali em frente, nas águas calmas do mar do norte, sem saber de onde vinha, já foi levado pela força das águas do Pacífico, gigante e impassível. A cor do saveiro, ou seria escaler, uma baleeira, ou um bote, meia chalana, balsas inteiras, amarelo-ouro ou vermelho-sangue, desbotou-se e a madeira lentamente apodreceu e afundou, flutuando em cinzas que cobrem a Amazônia. E eu, sentado, com elas cobrindo meu corpo e bicando cada centímetro de pele, num farfalhar de penas, peles, pelos e cascos, arrancando nacos que vinham molhados de vida, olhando, olhando e pensando que ainda tinha olhos, mas não lábios, nem língua, nem diafragma, nem sonhos. Naquele Congo desolado de setembro, até então...

Não sei quando foi a primeira vez, mas sei da última. Sempre famintas, eu cheguei, sentei e elas cobriam meu corpo. Aquele banco tinha uma posição perfeita para ver o oeste, um pôr do sol vibrante e colorido. Elas mordiam com mais veemência e uma delas, depois outra, mais uma, outra, outra e outra e, por fim, a última, chegaram ao meu rosto, uma para cada abertura, e entraram. Neste dia, lembro, era maio, e eu não tinha mais carnes que me prendiam à terra, aos dias, aos lugares, aos meses, aos pontos cardeais, às estranhas estações dos anos. Era o último suspiro daquele mês, e eu não tinha sangue que me confundisse com o marulhar das águas, rasas e profundas, de todos os mares. Então, voei – ou foram elas, cheias da minha carne, do meu sangue, que voaram. Mergulhei e afogado em terra, abri os olhos e chorei, líquido amniótico lubrificando meu deslizar no novo mundo.

Eu voei para o outro lado do mundo. Eu me afoguei em todos os mares. Cada terra sepultou-me inteiro.

Aqui estou.

Que este caminho de desgraças comece.

Sobrevivi à não-existência; sobreviverei à vida e às suas prisões.

Hoje acordei com uma andorinha no estômago.
A noite era de tempo limpo e sono.
Sabia a quebra milenar, cabelo solto.
Nenhuma angústia, lei, mato ou víscera defronte.
O prédio seguia o seu curso normal de vida, espécie de abrigo impune.
Gineceu.
Observava sem capacidade estrelada o céu, quando a miúda astronomia me
Espantou a inocência.
A circular impressão se revelara.
Tal como no meu estômago, assim uma via-andorinha, se alongava, qual
fita emprestada, distraidamente, no ar.

Pedro Vale
Vive no Funchal desde 2002 onde é professor de primeiro ciclo. Cursou Ciências da Cultura e frequenta o mestrado em Gestão Cultural na Universidade da Madeira. O seu primeiro livro “Azul Instantâneo” foi lançado em dezembro de 2017 e o autor trabalha desde 2019 na divulgação da sua segunda edição.

NAVIO NEGREIRO

"Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura...se é verdade
Tanto horror perante os céus?!"
Castro Alves

Que nau é essa
De velas negras
Contra o azul do mar?
É um caixão jogado às águas,
Sepulcro secreto
Onde homens negros
Gemem e rosnam
Como feras acuadas,
Panteras famintas
Amarradas por correntes;
Nos olhos,
Chispas de raiva,
Loucura infinita
De quem está preso numa cripta.

O esquife balança,
Por todo lado há vômito,
Sujeira,
Braseiro,
Gemidos mórbidos,
Carnes dilaceradas
E gritos de feiticeiros.

Pela proa,
Pela popa,
Correm as sentinelas da Coroa,
É preciso guardar o ouro,
O marfim,
Os escravos;
A cobiça é um abutre
Que devora os fígados
E atordoa as almas.

Que nau é essa?
No incerto lusco-fusco?
Pertence à Companhia da Guiné?
Veio da Nigéria,
Do Congo,
De Daomé?
Que esconde em seus porões?
Ratos,
Fezes,
Fumo?
É uma tumba sem rumo,
Recheada de ossos
De valentes guerreiros.

De repente,
Vibra o açoite
Do cruel açougueiro,
Há um vampiro que suga
E o brilho de um tocheiro.

Essa nau
É um navio negreiro,
Um navio luso-brasileiro.

Raquel Naveira
É escritora, professora universitária, crítica literária, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, autora de vários livros de poemas, ensaios, romance e infanto-juvenis. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (onde exerce atualmente o cargo de vice-presidente) e ao PEN Clube do Brasil.

INSPIRACIONES EN BUENOS AIRES

Nesta madrugada de Buenos Aires
quando os últimos tangos vão-se acalentando
os meus olhos não dormem...

E minhas retinas
percorrem a ânsia translúcida de caminhos
na companhia da brisa
que me confidencia segredos de Gardel...

Mas minh'alma insone
[inebriada de luzes]
procura mais que a transcendência:
– busca a ponte inefável
  dos versos e vozes que me abrigaram aqui
  em novos portos...

assim cada reflexo vivo nas águas,
nos ares... de Buenos Aires
são em mim
pulsantes metáforas de María Sueldo,
de Alba Murúa, de Elizabeth Molver,
de Daniel Quintero... e palavras aladas
                de Martín Biaggini,
                de Facundo Giuliano
e de outros companheiros fiéis
da linguagem da essência!...

E nesta madrugada de Buenos Aires,
na rota de dádivas ressurgentes,
renasce em mim
o incansável caminho-abraço
que transluz o renovo
            da melodia do espírito
            e do útero da criação!...

Rubenio Marcelo

É membro efetivo ocupante da Cadeira 35 da Academia Sul-Mato Grossense de Letras, da qual foi secretário-geral e atualmente é diretor cultural. É membro correspondente da Academia Mato-Grossense de Letras. Poeta, escritor e compositor, possui treze livros publicados (3 em coautorias) e três CDs – uma de suas obras mais recentes: o livro Vias do Infinito Ser (poemas) está indicado para o Vestibular 2021 da UFMS.

TESTAMENTO

(para João e Pedro)

o deus desconhecido grego ou paulino
ninguém ousou conjecturar que
é na verdade deusa:
indesejada das gentes
único mal irremediável
momento não-instantâneo de ausência
sobre a qual não se pode mais atuar ou pensar
passagem para o além sobre-humano, divino
totalidade

quero isto (se puder querer), quando já estiver sob domínio da dita deusa:

que usem minha carne, meu sangue e minhas vísceras para fôlego de vida alheia
que digam a quem deixei que deixei aqui porque quis e porque quiseram comigo
que tatuem Caeiro, o do campo, e Salomão, o velho, em meus vestígios minerais
que deem o que juntei na terra a quem mais precisa

e que digam, então:

que vivi felicidade e dor, mas mais felicidade que dor
que a mesa estava posta
que sempre amei viajar e por isso a morte não me assustou
que o eu, lugar de enunciação, só fará sentido em presença da verdade
que não há maior verdade que gerar vida e verbo
que mulher, mãe da vida e da força de trabalho, também merece a chance de
encontrar-se com sua mãe, defini-la e reconhecê-la

Shara Lopes
Nasceu em Valença do Piauí (1991). É doutora em linguística (UNICAMP) e professora de língua portuguesa (IFPI - campus Picos). Teve seus textos não-acadêmicos publicados em revistas, jornais, blogs e antologias poéticas, como: portal Geleia Total; revistas La Loba, Torquato, Rua, Mar de Lá, PsiPolis; antologias Uma mulherzinha não, um mulherão (Toma aí um poema), Prêmio Off Flip 2022: poesia, dentre outros. Traduziu poemas da escritora sul-africana Finuala Dowling, publicados pelo jornal RelevO.

Tânia Bloomfield

É Doutora e Mestra em Geografia, pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Especializada em História da Arte do séc. XX, pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná - EMBAP. Graduada em Educação Artística, pela UFPR. Graduada em História, pela Universidade de Brasília - UnB. Membro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - ANPAP. Professora do departamento de Artes da UFPR, desde 1998. Artista visual, com diversas exposições artísticas realizadas, no Brasil e no exterior. Pesquisadora com interesse voltado às interfaces entre os campos da Geografia e Artes Visuais, especialmente no que se refere às práticas artísticas no urbano e às linguagens artísticas contemporâneas.

COSMOCAOS, NO TRABALHO DE EMERSON PERSONA

A pintura de Emerson Persona é envolvente, sedutora, bonita de se ver. Esta afirmação abrange uma parte da verdade, ao se apreciar o trabalho do artista. A ligação do universo mental, seu partido conceitual e motivações, com a realização da pesquisa e prática artística de pintura, constitui-se como o cosmos poético de Persona. Como um hábil hipnotizador, o artista captura os olhares com a beleza estampada na superfície das telas, que vai cedendo lugar ao espanto, ao desconforto, ao choque e à reflexão.

Etimologicamente, a palavra cosmos se origina de kósmos, vocábulo pertencente à língua grega, e está relacionada com as ideias de organização, de ordem, de composição, de harmonia, de beleza. Os filósofos gregos da antiguidade já entendiam o Universo como um conjunto ordenado, em que matéria e energia seriam seus elementos constituintes. Em muitas situações cotidianas, a palavra cosmos é comumente substituída pela palavra Universo.

Outra palavra de origem grega, caos, é derivada de khaos, que originariamente estava relacionada à ideia de vazio, àquilo que existiria de forma etérea ou que preencheria o espaço entre a Terra e o céu cósmico. Caos também foi considerado na cultura grega antiga como o primeiro deus, de quem se originou o Universo.

Historicamente, diferentes significados foram sendo atribuídos a esse deus, mas, em geral, as ideias de paisagem primordial que antecede a criação e o fundamento material de tudo o que existe, de desordem, do que é informe, de desequilíbrio, são as que o representam. A paternidade de outros dois deuses, Destino e Eros, foi atribuída ao deus Caos. A mãe de Destino, um deus cego também conhecido como Moros, era a Noite ou Nyx, e esse deus detinha o futuro dos mortais em suas mãos. As Parcas executavam suas ordens, administrando as vidas de mulheres e homens, do nascimento à morte. Já o deus grego Eros, conhecido pelos romanos como Cupido, o deus do amor, em algumas versões foi derivado de Caos, e, em outras, foi fruto da ligação entre Ares ou Marte e Afrodite ou Vênus, deuses ligados à guerra e à beleza, respectivamente. A existência de Eros trouxe harmonia, ordem, união aos elementos do Universo e o ambiente propício à criação, em oposição a Caos, que representava a separação, o abismo, a quebra e a dispersão de formas por todo o cosmos. Antes de Eros, o caos. Mas as forças do caos estão presentes no início e no fim da ordem. Dialética e entropicamente, caos e cosmos coexistem.

Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, em seu Dicionário de Símbolos, mencionam que, segundo o filósofo Mircea Elíade, o cosmos é o princípio de todo o fazer, de toda a prática, de toda a tentativa de criação ou de ordenação de formas. Já para o psicanalista Carl Jung, o sacrifício e o conflito, presentes em cosmogonias, sinalizam o esforço exigido no exercício da transformação da matéria em uma forma.

Na cosmogonia de Emerson Persona, todos esses princípios, contraditórios e conflituosos, encontram-se em sua pintura. Da temática ao uso das cores, à distribuição das formas pela superfície pictórica, pode-se verificar uma fricção de elementos díspares, de polaridades, de circunscrições em jogos antagônicos.

A princípio, o que parece saltar aos olhos imediatamente é a desconcertante harmonia registrada na ocorrência das cores, especialmente as complementares, trabalhadas em pinceladas controladas.

A paleta apresentada na pintura, dada por esse atrito ótico, pode provocar a percepção de um perspectivismo, de uma profundidade de campo, em que determinadas formas são trazidas ao primeiro plano, enquanto outras, deslocadas para o fundo da pintura. Algumas pessoas chegam a relatar que determinados elementos do trabalho parecem flutuar em frente aos seus olhos, fora da pele do quadro, o que resulta em um efeito de tridimensionalidade, graças à zona fronteiriça entre uma e outra cor. O artifício da perspectiva aérea ou atmosférica na pintura é conhecido há séculos, cujo objetivo é o de segmentar os diferentes planos e distâncias que se sucedem na cena representada. No entanto, na pintura de Persona, essa perspectiva cromática assume uma função lúdica; captura o olhar, sem que haja a sugestão de uma paisagem. É um jogo erótico, de sedução, pelo qual o observador é fisgado tão logo se depara com a pintura. E não importa a escala do trabalho ora em questão, esse objetivo é sempre alcançado. A estratégia funciona sempre.

Mas o jogo continua em curso e não é dado somente pela pletora de cores. As formas são igualmente sedutoras e ganham maior ou menor potência com a anima cromática, além de denunciarem um embate entre os elementos que aludem ao orgânico, ao feminino, ao rotundo, às curvas gostosas e comestíveis, em contraste com o que representa o contundente, o espinhoso, o cortante, o fálico, a violência - física e simbólica -, por ameaça de intrusão, de desmembramento, de subordinação, de dispersão e de silenciamento. Nesse jogo, ora ganha relevo o figurativo, ora a abstração.

Para enfatizar a associação de oposições, de forças desproporcionais em conflito, o artista utiliza a figura conceitual do fragmento e do expediente da dispersão de elementos por toda a superfície pictórica, mas que, numa visada, somam-se em uma ordem precária, temporária. Contudo, a ordem que se vê ao final não é obtida em uma única sessão de trabalho, mas é compulsivamente retomada e retrabalhada em etapas sucessivas, em que o artista insere colagens - aportando texturas, rugosidades e baixos relevos -, produz cobrimentos, em grandes ou em pequenas áreas, com a sobreposição de cores chapadas sobre formas, cores e padrões anteriormente adicionados à tela.

Essa inteligência formal vem ao encontro das questões conceituais relativas às disputas sobre os diferentes códigos sociais de conduta, às intersubjetividades e aos intercâmbios realizados em espaços públicos e privados. A problemática de gênero, a violência de toda a ordem perpetrada por ideólogos da ignorância e seus acólitos contra minorias são, mais que motivações, preocupações que habitam o universo de Emerson Persona e que, de forma articulada e envolvente, ele faz emergir de sua pintura.

Diante do repertório figurativo do artista, em que as criaturas mal estão inteiras, arranjadas em formas fragmentadas, mutiladas, em situação de perturbadoras e dolorosas contorções corporais, em muitos casos, pode ocorrer o povoamento do imaginário com livres e psíquicas associações referentes à mitologia, especialmente à grega, mas também com as de matrizes africanas ou indígenas latino-americanas. Assim, a dimensão geopolítica, relacionada às questões etnocêntricas e colonialistas que institucionalizaram o trauma como um princípio fundador da sociedade brasileira e que alcançam a contemporaneidade, constitui-se como um elemento importante na cosmogonia de Persona.

Essas questões e preocupações transbordam o espaço pictórico do artista, que tem ido em busca de interação e de trocas com pessoas em situação de vulnerabilidade social. Em diversas ocasiões, Emerson Persona tem ministrado cursos, proferido palestras, se relacionado e negociado com instituições de atendimento a minorias ou a pessoas que possuem diferentes naturezas e graus de fragilidades. Dessa forma, o universo fantástico de Persona vai capturando e hipnotizando mais olhares, inclusive, daqueles para os quais só havia o caos de muralhas de empenas cegas e a falta de perspectivas na cidade. À semelhança de alguns olhos da mitologia particular do artista, esses olhos faíscam, se iluminam, ficam vidrados, se abrem para novas e possíveis visadas. Olham e são vistos.

ARTE VIVA

um risco de aero [nave]
no céu cintila.
na clave do sol
um arco-iris emoldura
uma obra de feitio garço.
e as quatro cores frias
enriquecem a beleza suave
de um quadro insólito.
uma chuvinha leve refresca o arrebol
 duma tarde morna de março.
na clave de dó as três cores quentes
aquecem o coração da andarilha
que vem mutilado de ausência
e faminto de poesia.
lá, no fim do arco-iris,
há um duende escondido
atrás dos arbúsculos violáceos.
na cabeça, o rotundo homúnculo
equilibra com destreza
um tesouro suntuoso: porções generosas
 de azul infinito.
ave, Senhor do mundo! ave

Walesca Cassundé
Nome literário de Walesca de Araújo Cassundé, cuiabana, residente em Campo Grande-MS. Formada em direito pela FUCMT. Advogada por opção e criminalista por vocação. Poeta por catarse, libertação física e purgação espiritual. Em março de 2017, lançou “Confissões Essenciais”, pela Ed. Gráfica Ruy Barbosa.

Wuldson Marcelo

É Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea (UFMT) e graduado em Filosofia (UFMT). Autor dos livros As luzes que atravessam o pomar e outros contos (Editora Carlini & Caniato, Cuiabá, 2018), Obscuro-shi – Contos e desencontros em qualquer cidade (Editora Carlini & Caniato, Cuiabá, 2016) e Subterfúgios Urbanos (Editora Multifoco, Rio de Janeiro, 2013). Já organizou duas antologias de contos e poemas: Beatniks, malditos e marginais em Cuiabá: Literatura na Cidade Verde (Editora Multifoco, Rio de Janeiro, 2013) e I Prêmio Rodivaldo Ribeiro de Literatura (Editora Carlini & Caniato, Cuiabá, 2021). Além disso, é cineasta, roteirista e curador da Mostra de Cinema Negro de Mato Grosso, edições de 2017 a 2022. É um dos editores da revista virtual de arte e cultura Ruído Manifesto.fosse nossa amiga, eu me casaria com você" (2015) e "A garota que existiu dentro de um mistério" (em pós-produção). É editor da revista virtual Ruído Manifesto.

TANTAS FUGAS

"Você não vale um pequi ruído", disse Evandro para Soraia. Ela rebateu, "E você não é flor que se cheire".

Esse seria o último diálogo entre o casal se não fosse a recaída da véspera de Ano Novo.

O vencedor leva tudo, era que o que Antônio pensava do amor, até conhecer Amanda. Como ele ficou com o cachorro e ela com o gato, concluiu que às vezes nesse jogo há empates.

Denílson ligou para Nicanor. Esperava no final da ligação ouvir um “eu te amo”. Mas, nessa noite, Nicanor preferiu conversar sobre suas fantasias sexuais.

Chovia muito na noite em que Edgar conheceu Maria Clara, e choveu mais ainda no dia que fizeram amor pela primeira vez. Fazia um sol lascado quando Maria Clara conheceu Edgar, e foi num dia ainda mais quente que tiveram a primeira relação sexual. O casal discordava até sobre as lembranças do romance.

O sorriso bobo de Angélica já a entregava para Letícia. Aquilo era amor. Letícia se perguntava se era merecedora daquele sentimento, já que completavam três meses juntas e ela não tinha coragem de contar para amante que é casada.

“Tanto faz”, é o que Maiky respondia a Vanessa toda a vez que ela propunha um programa diferente para o casal. Maiky só gostava de jogar vídeo game. Escondida do namorado, a garota começou a praticar todos os tipos de jogos eletrônicos e o venceu em diversas desafios. Então, o rapaz se dedicou a superar as ideias de Vanessa. Nunca mais jogaram vídeo game juntos.

Jennifer não queria ser a emocionada da história. Decidiu tratar Amadeus com alguma indiferença e até certa crueldade. “Quem mostra sentimentos, está fodido”, diziam as amigas. Um dia, viu Amadeus com Penélope no shopping center, aos beijos. O homem não se desculpou pela traição, só justificou que era capaz de carregar um trem por uma mulher emocionada.

Jaqueline disse à Larissa, à queima-roupa, que pedido de casamento tinha que ser feito sem espetáculo, precisava ser simples, direto. Por isso, se surpreendeu quando a amada fez o pedido entre a hora de alimentar os gatos e o momento de maratonar séries na Netflix.

Fazia exatos dez anos que Túlio não via Aluísio. Lembrava-se da barba e do corpo malhado, estava sorridente, confiante. Por isso se assustou quando se encontrou com o homem cabisbaixo, de barriguinha saliente e calvo que estava a sua frente. Tentou ver algo de atraente nos olhos de seu antigo objeto de desejo, mas somente encontrou a própria frustração com a vida.

Tudo acontecia naquele quarto de hotel, na Avenida Central. Quarto número 89. Hélio e Raquel responderam um anúncio em um site. Um homem e uma mulher procuravam sexo sem compromisso. Cinco meses depois, perceberam que fumavam e falavam, após o coito, de comprar casa e de filhos. Não tiveram mais coragem de se encontrar quando se tornaram evidentes a intimidade e o amor.

Rita amava desesperadamente Paola. Não sabia como esquecê-la. Por pena, Paola transava com a ex para não a fazer sofrer. Miguel sempre interrogava a esposa sobre o dia em que pararia de se compadecer com a situação de Rita. Passado cinco anos, não conseguiam decidir se eram um trisal ou se tratava de um simples caso de infidelidade.

Fábio encontrou Pamela e seu mundo se tornou poesia. Era um daqueles casais grudentos. Casamento era um caminho natural. Até que Pamela se apaixonou Péricles. A tristeza chegou de mansinho, mas Fábio a repeliu. Era grato pelo tempo que viveu com Pamela. A vida seguiu e hoje ele é padrinho do filho dos amigos Pamela e Péricles.

MATÉRIA PLÁSTICA

Renato Medeiros
Artista visual e pesquisador em arte contemporânea. É Doutor em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (UnB), professor substituto da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), jornalista cultural e membro fundador do LABIRINTO, espaço dedicado à pesquisa, criação artística e formação em artes, localizado em Cuiabá-MT. Em 2021, foi premiado em 1º lugar no Salão Jovem Arte MT, na categoria Pintura.

OS CORPOS VIVOS DE ÉMERSON PERSONA E SUAS PINTURAS QUE TROCAM DE PELE

Se um corpo é o conjunto de partes que compõem um organismo vivo, então talvez seja possível inferir que as obras do artista brasileiro Émerson Persona são como corpos vivos que flutuam no espaço bidimensional. Corpos cujas partes são feitas de tinta e de recortes de trabalhos artísticos anteriores, fluindo em ciclos de retroalimentação e estabelecendo o movimento como uma constante da prática artística.

Dessa maneira, o artista ressignifica sua própria trajetória, criando uma espécie de cadeia alimentar de si mesmo, como se as obras precedentes mudassem de pele a cada novo trabalho e essa transformação descortinasse outros modos de expressão para elementos já conhecidos. Tal qual um lagarto que devora a própria pele e faz disso um ritual de renovação. Émerson Persona renova sua arte ao devorá-la, degluti-la e devolvê-la ao mundo com outros contornos e outras recombinações cromáticas, nem sempre remetendo à representação figurativa do mundo animal ou vegetal.

Esse processo um tanto antropofágico institui novos corpos imaginados, mas não necessariamente reconhecíveis, como são as figuras humanas. Também produz corpos abstratos, revelados nas imagens como criaturas vivas pairando suaves, seguindo seus respectivos fluxos de mutação. Criaturas que inauguram formas particulares, a partir dos enquadramentos ou lacunas deixadas nas grandes áreas de tinta que recobrem a pintura anterior. Esses hiatos são como janelas que nos permitem ver pedaços de um passado pictórico, incorporando assim uma dose de mistério à nova criação. Afinal, as partes visíveis já não dão acesso ao todo. Elas são delineadas pela pintura final, que serve, ao mesmo tempo, de invólucro e de parede, brincando com a percepção figura-fundo.

Nas obras do artista, portanto, nem tudo está escondido e nem tudo aparece. Há um jogo de máscaras, com olhos vazados e outros recortes em sua superfície. É por meio desses recortes que seus corpos de cores se movimentam e se atravessam aos pedaços, mesclando-se em novas formas e ressignificando as relações entre os trabalhos. Uma dinâmica muito próxima das máscaras de recorte do Photoshop, que não apagam e nem dividem a imagem, apenas escondem as partes que vão além dos limites do molde, realçando as demais.

Émerson Persona não apaga suas imagens. Ele as incorpora como matéria-prima de uma metamorfose progressiva, criando organismos vivos, com muitos fragmentos velados, entre tantos outros visíveis. Criaturas feitas de outras criaturas. Assim como nós.

DO CONTEMPORÂNEO

Maristela Carneiro
É Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – PPGECCO/UFMT. Docente da Faculdade de Comunicação e Artes – FCA/UFMT, é Mestre em Ciências Sociais e Doutora em História. Coordena o NEC - Núcleo de Estudos do Contemporâneo. Dentre seus interesses, destaque para Estudos de Gênero, Feminismos, Artes e Cultura Visual, Pensamento Decolonial e Epistemologias do Sul.

O TRÁGICO FIM DA ARTE?

Todas as narrativas terminam – as mais longas entre elas acabam várias vezes, pois seguem sendo retomadas, reanimadas, revividas, tamanho é o apego que seus criadores e públicos são capazes de desenvolver por elas. Ter uma consciência mais apurada da finalidade da vida e das coisas (seria isso possível?) geralmente nos leva a desenvolver emoções complexas como o desejo, o apreço e a nostalgia. Quando sabemos que algo é finito, isso pode nos gerar ansiedade e melancolia, mas também pode resultar em esperança e alívio. Saber que as coisas terminam nos fascina, e, portanto, finais podem ser encantadores, desalentadores ou decepcionantes, mas também podem deixar marcas e gerar discussões.

Não é por acaso, portanto, que tanto se fale em finais, em incontáveis elaborações teóricas sobre a existência e em títulos chamativos de obras várias. Com frequência nos deparamos com tratados que parecem decretar, antes da primeira página, um encerramento, como O fim da história e o último homem, de Francis Fukuyama, e O fim da história da arte, de Hans Belting. Não é surpreendente, então, que muito já tenha sido falado sobre o fim da arte.

A arte, como tantas outras coisas, é uma narrativa, uma narrativa que todos ajudamos a tecer quando escrevemos ou debatemos entre amigos sobre os filmes, livros, peças e exposições que nos empolguem, que nos repugnem e mesmo que nos deixem em um estado de indiferença. A arte é uma narrativa composta coletivamente, com a qual milhares de narradores contribuem: artistas, críticos, professores, amadores. E, para muitos narradores, é tentador arriscar que, quando a narrativa dominante começa a se transformar e descrever um caminho divergente, é porque ela acabou.

Ao longo do século XX e do jovem XXI, muito se disse sobre como as transformações radicais produzidas pelo nascimento da fotografia, do fonógrafo, do cinema e das tecnologias digitais representavam a morte da beleza, do sublime, da criatividade e da capacidade de conectar mentes por meio dela. Muito se cogitou acerca de como a aurora dos mercados contemporâneos da literatura, dos filmes, das artes plásticas e da música se traduziriam no fim da arte, em sua substituição por simulacros de criatividade, vazios e descartáveis.

Evidentemente, essas micronarrativas omitiram (e omitem, porque elas ainda são replicadas e atualizadas) que obras de arte medíocres e esquecíveis não nasceram no século XX. Lembramos dos nomes de pouquíssimos pintores renascentistas, por exemplo, que foi um fenômeno enorme; de todos os dramaturgos que produziram para as casas de teatro elizabetanas, apenas o nome de William Shakespeare ainda é recordado e celebrado com frequência. De todos os romancistas, biógrafos e poetas que buscaram a atenção dos leitores ao longo de todo o século XIX, um número restrito figura nas aulas de literatura ministradas em escolas e faculdades.

Por outro lado, é inegável que o desenvolvimento da fotografia e outras tecnologias, ao contrário de trazer a morte da arte, permitiram que novas obras brilhantes se manifestassem e novos tipos de artistas se tornassem conhecidos. Talvez a mediocridade tenha sempre sido a norma, e talvez ela não seja um sintoma de uma morte que se avizinha, mas de uma vida longa e repleta de tentativas, uma espécie de algoritmo humano, pontilhado por alguns sucessos retumbantes, que despontam entre inúmeras outras investidas, fatalmente varridas para o esquecimento.

Talvez a arte esteja próxima de seu fim, mas certamente ela já acabou muitas vezes. A palavra latina ars surgiu para designar qualquer tipo de trabalho especializado, semelhante ao que chamamos de “labor”, antes de passar a descrever alguns ofícios, considerados mais criativos e mais capazes de deleitar a mente que outros, antes de descrever coisas que elevam o espírito, antes de descrever um mercado e um mundo sistematizado com atores bem definidos: artistas, críticos, docentes, amadores.

Todo fim é trágico, pois parece ser a imposição definitiva de uma ausência. Mas também é válido notar que, ao menos para as artes, e a cultura de modo geral, são raros os finais que não originam novos começos. Se efetivamente o fim da arte é iminente, acredito que a criatividade encontrará novas e empolgantes formas de se manifestar e nos deslumbrar. Que todo encerramento seja uma convocação para novas aberturas, novas tentativas, novas possibilidades para criar. A arte pode morrer, mas a criatividade humana é perene.

HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER

Anna Maria Ribeiro Costa
É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.

LITERATURA INDÍGENA: SOLIDARIEDADE COMO SUBSTÂNCIA

Os povos indígenas, contrariamente ao que pensa grande parte dos brasileiros, estão impelidos por aspirações de entender o mundo em que vivem diante à natureza humana e sua relação com a sua sociedade, o meio ambiente, a cosmologia, os sonhos, os fenômenos psíquicos. Nas sociedades indígenas, entender fenômenos sociais e da natureza implica em reviver ancestralidades. Os ancestrais, objetos de culto, se relacionam com os indivíduos vivos por genealogias reais e com os seres sobrenaturais por genealogias míticas. O Ocidente, por sua vez, a colocar em interrogação os paradigmas dos povos indígenas, caracterizando-os, na maior parte das vezes, como quimeras.

Lévi-Strauss, o francês que detestou a baía da Guanabara, se tornou etnólogo durante sua estada no Brasil após suas expedições às terras dos povos Kadiwéu, Boe-Bororo, Nambiquara e Kawahiva. Em 'Mito e Significado' (1978), ditou que ao invés de entender os povos indígenas como possuidores de um tipo de pensamento inferior, definido por representações puramente místicas e emocionais, são detentores de conhecimentos empíricos. 'Agem por meios intelectuais, exatamente como faz um filósofo ou até, em certa medida, como pode fazer e fará um cientista'.

Os conhecimentos ancestrais dos povos indígenas veiculam nos espaços aldeãos pela narrativa oral. Guardiões de memórias, contam sobre tempos longínquos, a explicar o surgimento dos astros, dos animais, dos alimentos, dos artefatos, a revelar inúmeros saberes que são passados de geração a geração e, nos dias de hoje, resguardada também pelas linhas da escrita, presentes em muitos povos indígenas. Ao romper o espaço da aldeia, suas epistemologias chegam por oblação ao mundo ocidental pelas páginas da literatura indígena: histórias do contato violento dos invasores, religiosidades, cosmologias.

A ordem e o significado das coisas atrelam-se aos esquemas mitológicos como códigos sociais de comunicação. Narrativas míticas permanecem na memória coletiva, são postas em memória, principalmente na dos mais velhos, reveladas como um caleidoscópio exibindo conhecimentos a cada arranjo narrativo, numa sequência cambiante de esquemas e ressignificações.

Vozes ancestrais indígenas chegam do 'tempo de antigamente', aquele que não se conta. Vêm das gentes dos rios, rebojos, cerrado; do céu, das estrelas, das lagoas, cachoeiras, cavernas, florestas. Chegam à palavra oral. À palavra escrita. São ouvidas nos livros. Distantes da visão ocidental, continuam, ainda, incompreendidas, inaudíveis pelo cânone da modernidade. Melhor dizendo, estão amordaçadas.

Fundamentadas em 'vozes ancestrais' (Munduruku, 2016), de lá dos 'lugares de origem' (Krenak, 2021), a propor 'ideias para adiar o fim do mundo' (Krenak, 2019), a mostrar que aos moldes atuais 'a vida não é útil' (Krenak, 2020) e apontar em direção ao 'futuro ancestral' (Krenak, 2022). Os pensares de Munduruku, de Krenak, em afluência aos tantos autores indígenas, indicam que existem opções salutares para o Estado, para a Nação. Alternativas para escapar da servidão do neoliberalismo e sintonizar com os ideais e realizações da 'outra economia' (Cattani, Laville, Gaiger, Hespanha, 2009), regida por princípios da solidariedade e avessa às práticas excludentes, sociais e ambientalmente predatórias.

Num diálogo horizontal, as vozes ancestrais presentes nas histórias indígenas são convites a criar outros mundos, reclamar outros mundos. Insubordinar-se à lógica monolítica de um só mundo. E, assim, o prazer de fazer o próprio bem viver, avesso aos modelos ocidentais, ipsis litteris, desafiando projeções futuristas. A cura da terra (Potiguara, 2015)

Ler literatura indígena consiste em estar diante de aprendizagens decisivas: compreender que há modos de vidas que inventam e ressignificam histórias e mitos, motivando renovações por aproximações e rupturas que beneficiem a coletividade.

As 'Historinhas Marupiaras', de Elias Yaguakãg, da etnia Maraguá, Amazonas, ensinam que a felicidade individual só tem sentido se contribuir para a felicidade da coletividade. E que pessoas felizes, sem rancor no coração, formam com os outros seres da natureza uma forte corrente de solidariedade, esta a própria substância humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATTANI. Antonio David; LAVILLE, Jean-Louis; GAIGER, Luiz Inácio; HESPANHA, Pedro (coords.). Dicionário Internacional da outra economia. São Paulo: Almedina, 2009 (Série Políticas Sociais).

KRENAK, Ailton. Futuro ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

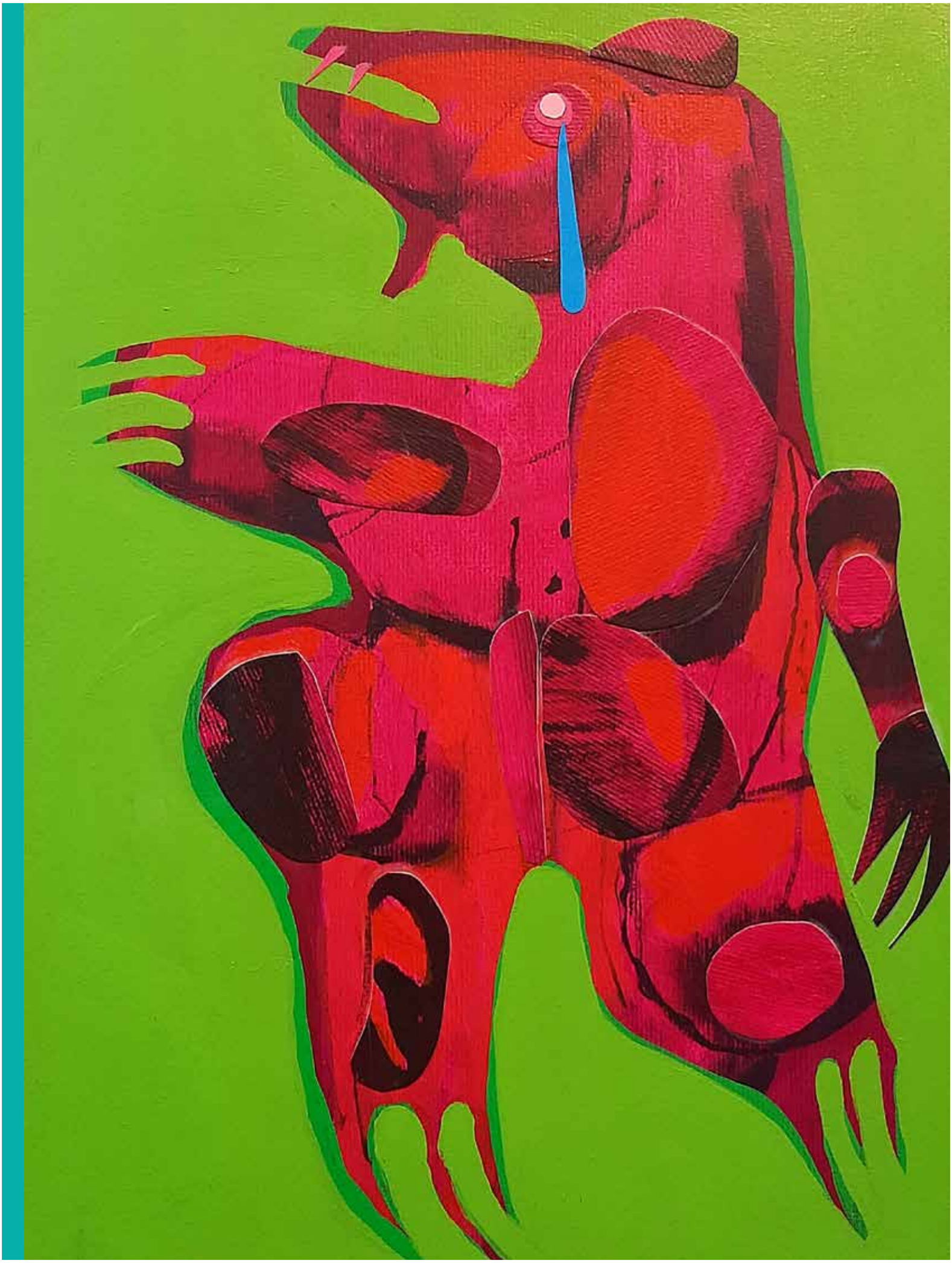
KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 20190.

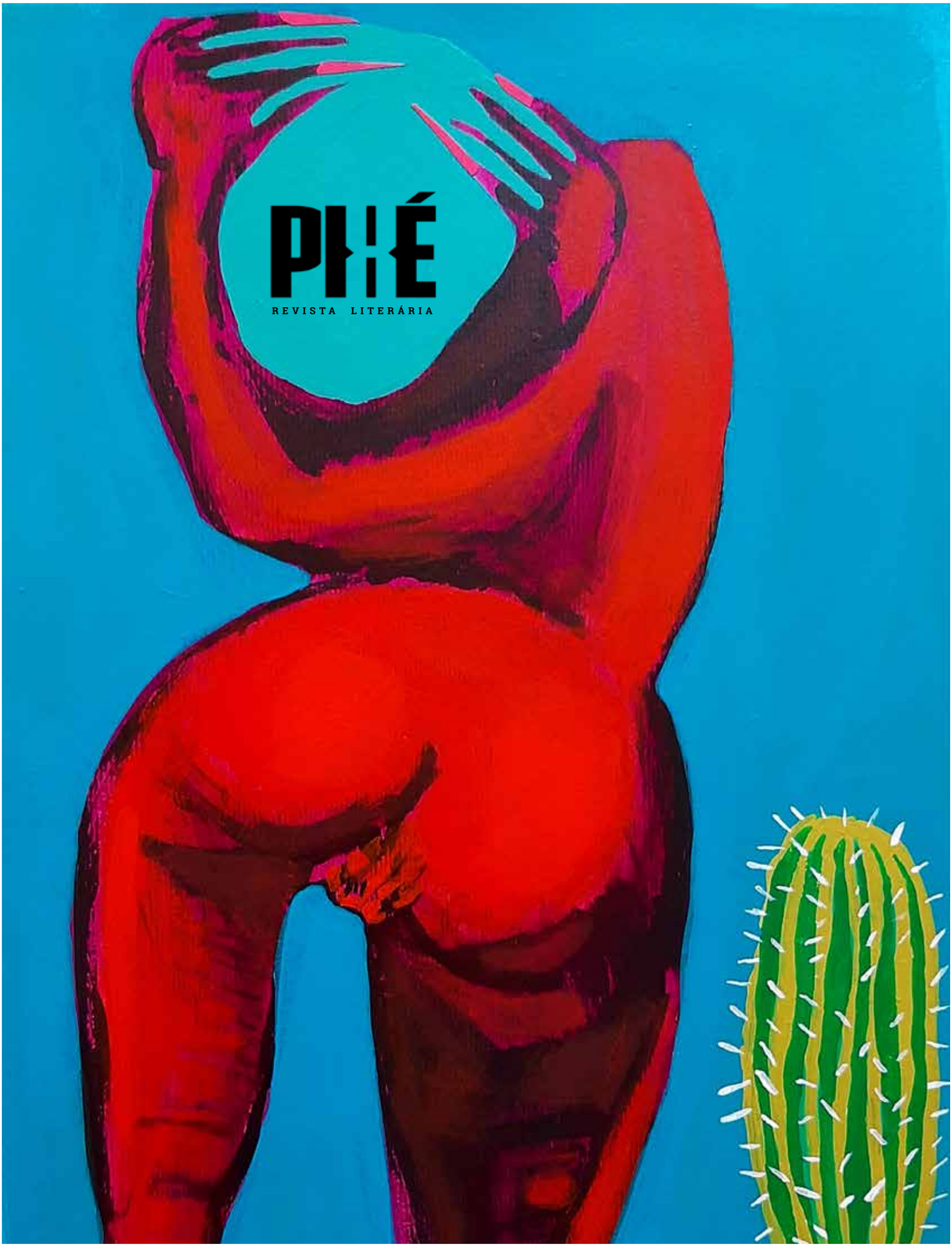
KRENAK, Ailton; CAMPOS, Yussef. Lugares de origem. São Paulo: Jandaíra, 2021.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Mito e significado. Lisboa: Edições 70, 1978 (Perspectivas do Homem).

MUNDURUKU, Daniel. Vozes ancestrais: dez contos indígenas. São Paulo: FDT, 2016.

POTIGUARA, Eliane. A cura da terra. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.




PIÉ
REVISTA LITERÁRIA